

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Processos Psicológicos Básicos

Programa de Pós-Graduação em Ciência do Comportamento

Dissertação de Mestrado

Impacto da metodologia LuDiCa (Leitura Dialógica para Compreensão Profunda) na compreensão de violência sexual e na proposição de soluções não restritivas: uma leitura de HQ com meninas autistas

Carolina Passos Marques

Orientadora: Eileen Pfeiffer Flores

Brasília, 29 de abril de 2024

Impacto da metodologia LuDiCa (Leitura Dialógica para Compreensão Profunda) na compreensão de violência sexual e na proposição de soluções não restritivas: uma leitura de HQ com meninas autistas

Carolina Passos Marques

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, como requisito para o título de Mestre em Ciências do Comportamento (Área de concentração: Análise do Comportamento).

Orientador: Dra. Eileen Pfeiffer Flores

Brasília, 29 de abril de 2024

Banca Examinadora:

Dra. Eileen Pfeiffer Flores (Presidente)

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

Universidade de Brasília - UnB

Dra. Valeska Zanello (Membro Interno)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Universidade de Brasília - UnB

Dra Lara Rodrigues Queiroz (Membro Externo)

Centro Analítico-Funcional Anti Capacitista

Dra Rachel Nunes da Cunha (Membro Suplente)

Universidade de Brasília - UnB

Brasília, 29 de abril de 2024

Agradecimentos

Eu gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha orientadora, Eileen, que aceitou este desafio comigo e me auxiliou neste (e em vários outros) processos. Acompanhar de perto o seu compromisso com a pesquisa e a sua forma de ver o mundo foi, sem dúvida, meu maior privilégio nestes últimos anos.

Aos meus colegas de grupo de pesquisa, que me auxiliaram dando a mão na hora do aperto e sendo exemplos de pesquisadores a serem seguidos.

À banca dos meus sonhos, formada por mulheres que eu tanto admiro.

À minha família, que deu duro para me convencer de que eu dava conta e por me ensinar a olhar para a vida com curiosidade. Especialmente ao meu irmão, que, desde a infância, me inspira a buscar e questionar cada vez mais. Você segue sendo a minha inspiração, Pito.

Ao meu parceiro de vida, de pesquisa e de trabalho, seu suporte deixa tudo mais suave. Obrigada por sustentar os prantos enquanto eu não dava conta.

Às minhas amigas, que cultivaram essa amizade, nestes últimos anos, basicamente sozinhas e, mesmo assim, não soltaram da minha mão. Foram vocês que me ensinaram o que é cuidar.

Aos viventes, que me motivam diariamente a desconstruir tudo que eu acho que sei e a considerar um mundo de oportunidades. Obrigada por terem me trazido até aqui.

Aos meus filhos com pelos, que estiveram grudados em mim a cada palavra escrita.

À minha avó, que, no pouco tempo em que vivemos juntas, me ensinou o sabor de parar para admirar a natureza, a me conectar com o diferente e a amar, acima de tudo.

E, para encerrar, agradeço a todas as mulheres que vieram antes, com suas contribuições ao mundo (e a mim!), as que seguem construindo e ensinando diariamente e as que ainda estão por vir.

*Os problemas éticos que eu estava interessada
em analisar envolviam situações em que as
pessoas se importavam umas com as outras*

Carol Gillian

Conteúdo

Agradecimentos	5
Lista de Figuras	10
Lista de Tabelas.....	11
Resumo Geral	12
General Abstract	13
1. Introdução	14
Primeiros estudos: foco em déficits e excessos	16
Mudança de paradigma: neurodiversidade e modelo social da deficiência	10
Feminismo e o Cuidado	24
E agora, como agir?	27
LuDiCa	29
Objetivos específicos	31
2. Método	31
Participantes	32
Ambientes das sessões	32
Materiais e instrumentos	33

Obra Literária	33
Análise da Obra	34
Material da Linha de Base e Manutenção	39
Delineamento	42
Procedimento	43
Fases da pesquisa	44
Tratamento e Análise de dados	46
Acordo entre observadores	50
3. Resultados	51
Análises das relações funcionais entre a VI (LuDiCa) e as medidas comportamentais	51
Identificação de violências e descrição de contingências	51
Soluções coletivas	54
Funções narrativas	57
4. Discussão	60
Descrição das contingências de violência	61
Trauma e violência sexual	65
Aceitar migalhas em relacionamentos afetivos	67

	10
Violência no relacionamento	69
Apoio mútuo entre as meninas	72
Interseccionalidade	73
Soluções que restringem a liberdade e ferem direitos	75
Aceitar migalhas para ser escolhida	75
Falta de clareza sobre consentimento	77
Soluções que não restringem liberdade e promovem segurança	79
Buscar apoio em outras mulheres	81
Poder transformador	83
Validade social	83
5. Conclusões	85
6. Referências	87

Lista de Figuras

Figura 1	48
Figura 2	53
Figura 3	56

Lista de Tabelas

Tabela 1	32
Tabela 2	40
Tabela 3	46
Tabela 4	54
Tabela 5	59

Resumo

Este estudo explorou a eficácia do método LuDiCa (Leitura Dialógica para a Compreensão Profunda), uma abordagem à leitura dialógica baseada em funções narrativas, para aprimorar a compreensão da violência de gênero entre adolescentes autistas do sexo feminino. A pesquisa utilizou um desenho de sujeito único em três grupos escalonados, por meio da leitura do romance gráfico "Desconstruindo Una", de Una, para promover discussões sobre violência de gênero. O método LuDiCa incorpora convites dialógicos estratégicos com base em funções narrativas identificadas dentro da história, com o objetivo de aprofundar a compreensão dos participantes sobre questões relacionadas a gênero. Os principais objetivos foram avaliar se esse método poderia ajudar as participantes a entender melhor as contingências que sustentam a violência de gênero e reduzir a aceitação de "soluções restritivas" - respostas que infringem os direitos individuais. Em vez disso, o estudo visava promover "soluções positivas" que enfatizam a ação coletiva e a mudança estrutural. As avaliações iniciais envolveram discussões em torno de tirinhas curtas retratando várias formas de violência de gênero para avaliar a compreensão inicial e o reconhecimento de funções narrativas. Os resultados indicaram que, embora os participantes pudessem identificar com precisão a violência de gênero desde o início, melhorias significativas foram observadas na compreensão das contingências subjacentes a essa violência durante a intervenção. O método LuDiCa facilitou um diálogo e análise mais ricos, deslocando o foco de medidas individuais para soluções sociais mais amplas.

Palavras-chave: autismo, violência de gênero, leitura dialógica, educação sexual

Abstract

This study explored the effectiveness of the LuDiCa method, an approach to dialogic reading based on narrative functions, in enhancing the understanding of gender violence among adolescent autistic girls. The research employed a single-subject design across three staggered groups, utilizing the graphic novel *Becoming Unbecoming* by Una to foster discussions on gender violence. The LuDiCa method (Leitura Dialógica para a Compreensão Profunda) incorporates strategic dialogic invitations based on identified narrative functions within the story, aiming to deepen participants' comprehension of gender-related issues. The primary objectives were to assess whether this method could help participants better understand the contingencies leading to gender violence and reduce endorsements of 'negative solutions'—responses that infringe on individual rights. Instead, the study aimed to promote 'positive solutions' that emphasize collective action and structural change. Baseline assessments involved discussions around short comic strips depicting various forms of gender violence to gauge initial understanding and narrative function recognition. Results indicated that while participants could accurately identify gender violence from the outset, significant improvements were observed in understanding the underlying contingencies of such violence during the intervention. The LuDiCa method facilitated a richer dialogue and analysis, shifting focus from individual precautionary measures to broader societal solutions.

Keywords: autism, gender violence, dialogic reading, sexual education

1. Introdução:

A segurança e a prevenção da violência em relacionamentos românticos são questões críticas na educação de jovens, especialmente no contexto de meninas autistas, que são prejudicadas tanto em função da (1) baixa compreensão da sociedade sobre neurodiversidade como do (2) menor acesso à educação sexual informal (Hancock, 2017). A compreensão cultural de autismo como um transtorno favorece o estabelecimento de relações de poder em que certos perfis neurológicos são considerados inferiores (Pearson, 2023) e, dessa compreensão, se estabelecem estruturas sociais que controlam culturalmente (manipulam determinados comportamentos por meio de reforçamento e punição) a forma de ser e agir daquele que diverge (Cravo, 2022). Considerando as relações de poder envolvidas entre homens e mulheres na sociedade (Nicolodi, 2021), meninas autistas sofrem da interseccionalidade entre gênero e deficiência, sendo posicionadas em ainda maior vulnerabilidade ao se relacionarem romanticamente (Moore, 2022). O acesso reduzido à educação sexual (Hancock, 2017) pode dificultar ainda mais a possibilidade da identificação das fontes de controle que sustentam práticas discriminatórias e que contribuem para a redução de poder do grupo a que pertencem. Nesse cenário, muitas vezes são propostas formas de evitar a violência que infringem direitos e restringem a liberdade das mulheres (García-Carpinteiro et al., 2022). Por exemplo, como uma forma de evitar ser vítima de violência sexual, é culturalmente ensinado que mulheres devem evitar se vestir com roupas curtas, beber ou interagir com homens desconhecidos. O foco é direcionado ao comportamento que deve ser adotado pela vítima, partindo do pressuposto de que ela teria como evitar a violência, tornando-se, assim, a responsável em permitir ou não que a violência ocorra (Bermek, & Unan, 2024).

Diante desse cenário, é importante identificar contextos que possam contribuir e promover espaços seguros que desenvolvam habilidades protetivas em meninas autistas para estabelecerem relacionamentos amorosos saudáveis. Uma forma de possibilitar o empoderamento e maior conhecimento dessas contingências é por meio da discussão aberta sobre esses temas, guiada por profissionais (Rogoski, 2017). A análise do comportamento tem mostrado que o comportamento verbal modelado por contingências tende a ter maior correspondência com o comportamento não verbal do que com o comportamento verbal governado por regras (Catania, 1982). Nesse sentido, por exemplo, uma palestra diretiva de educação sexual, que dá instruções bastante diretas sobre como falar daquele assunto, poderia ter menos correspondência com os atos não verbais posteriores dos participantes do que um cenário (por exemplo, uma aula mais dialogada) em que o comportamento verbal dos participantes é modelado de modo mais gradual, com reforço diferencial a partir das próprias tentativas de eles compreenderem e se apropriarem daquele conteúdo. Independentemente dessa questão empírica ainda em aberto, no entanto, o segundo cenário tem uma vantagem estrutural: proporciona, potencialmente, mais estímulos discriminativos que podem guiar o comportamento da pessoa que ensina, que pode, assim, ajustar dicas, sondas e reforço diferencial de forma sensível ao repertório em transformação da audiência. Nesse sentido, a LuDiCa (e.g., Flores et al, 2020), uma metodologia de leitura compartilhada que busca a compreensão profunda por meio de imersão das contingências de um texto, proporciona um ambiente coletivo não punitivo de diálogo em que a identificação dessas contingências e elaboração de soluções sejam possíveis. Portanto, esse estudo se dedicou a explorar o uso da leitura dialógica para a compreensão profunda (LuDiCa) como um cenário educacional inovador para promover diálogo entre meninas

autistas para compreensão das contingências envolvidas na violência sexual e para a proposição de soluções que não infringem direitos.

Primeiros estudos: foco em déficits e excessos

Para conhecermos mais os estudos relacionados à sexualidade e pessoas autistas, vamos traçar um panorama temporal de como a abordagem e ênfase dos estudos mudaram ao longo dos anos. Quando se trata da população autista, pouco foi estudado o desenvolvimento de sua sexualidade até os tempos atuais (principalmente, se compararmos com o volume de pesquisas voltadas para a etiologia do autismo e o desenvolvimento de intervenções ao longo das últimas décadas)¹. Hipotetiza-se que a escassa pesquisa voltada para este tema ocorre devido à compreensão cultural de pessoas autistas como sexualmente imaturas (sendo caracterizadas como "anjos azuis", (Brilhante, 2020), marcadas por déficits sociais (como descrito pelo próprio manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais elaborada pela APA, 2013), levando-se à suposição de que é desnecessário estudar a sexualidade desta população. A associação da imaturidade à imagem das pessoas autistas dificultou a percepção de sua capacidade para uma expressão de sexualidade (Zigler, 1986). Quando raras, as pesquisas realizadas nas décadas passadas eram feitas, não com as próprias pessoas autistas, mas por meio de entrevista com os familiares, tomando-se como premissa sua assexualidade (por exemplo, perguntando a esses familiares suas percepções sobre a falta de interesse sexual de seus filhos, cf. Ruble, 1993). Esse discurso focado na assexualidade de pessoas no espectro foi hegemônico nas pesquisas dos anos 90 (Rosqvist, 2013).

¹Indico o trabalho de Cervantes e colaboradores (2021) em mostrar como os investimentos em pesquisa sobre autismo orientados pela Interagency Autism Coordinating Committee (IACC) tem se concentrado de forma desproporcional na etiologia em detrimento de intervenções que visem a qualidade de vida dessa população

Os estudos, nos anos seguintes, se esforçaram para contestar o discurso da assexualidade de pessoas neurodivergentes, com publicações diversas constatando interesse sexual nas pessoas autistas (Gilmour, 2011). No entanto, esse novo foco não recaiu sobre formas de exercer a saúde sexual, e sim sobre o que se percebia como déficits e inadequação comportamental inerentes ao autismo. Deu-se início, assim, à fase de pesquisa relacionada ao comportamento sexual entendido como inadequado e a estratégias para evitá-lo. Comumente, por exemplo, eram apresentados dados comparativos em relação à população sem diagnóstico e enfatizadas maiores taxas de comportamentos sexuais inadequados (como masturbação em público, *stalking*, toques sexuais inapropriados), mantendo-se, ao mesmo tempo e algo paradoxalmente, a imagem de sexualidade diminuída ou inexistente (Stokes, 2007; Allen, 2008; Coskun, 2009; Ginevra, 2011; Hellemans, 2007). Assim, houve pouca ou nenhuma ênfase nas interações e relações afetivas e sexuais das pessoas autistas e de suas percepções sobre o assunto, sendo vistas principalmente como alvo de intervenções destinadas a ajustar e normalizar comportamentos vistos como socialmente inadequados para a população sem diagnóstico.

Por outro lado, foi identificado que pessoas autistas, especialmente as mulheres, sofrem alto risco de serem vítimas de experiências sexuais não desejadas (Pecora, 2019). Em relação à vitimização de mulheres autistas adultas, Cazalis (2022) apresenta que nove de dez mulheres autistas são vítimas de violência sexual, sendo 66% dessas violências iniciadas ainda na infância. Com altos índices de violência identificados, os estudos começam a direcionar-se em buscar formas de minimizar o risco de ser explorado ou explorar alguém sexualmente (Sevlever, 2013).

Lumley e Miltenberger (1997) citam possíveis hipóteses para a ocorrência elevada de episódios de violência sexual contra pessoas autistas: (1) déficit nas habilidades sociais e baixa percepção das situações, (2) dificuldade na comunicação para relatar a situação de abuso, (3)

maior dependência de ajuda de outra pessoa, (4) falta de educação sexual prévia e (5) déficit no repertório de assertividade para conseguir se defender em uma situação de abuso. Nota-se, portanto, que as explicações oferecidas por Lumley e Miltenberger são, em grande parte, expressas, listando-se déficits nos repertórios das vítimas (são elas que não percebem as situações, não conseguem se comunicar com assertividade etc.), e não, por exemplo, contingências sociais, políticas e culturais que favorecem a violência sexual e de gênero e a impunidade da violência contra pessoas com deficiência. Hancock (2017), no mesmo sentido, aponta para menor acesso à educação sexual informal (como em conversa com os pares) devido ao círculo social restrito e isolamento social a que pessoas autistas teriam acesso. Não ter pessoas a quem recorrer para falar sobre esses temas, segundo Dekker (2015), promoveria a busca por outras fontes que ensinariam conteúdos enganosos" (como internet e pornografia).

Portanto, nota-se, nos autores citados, uma grande ênfase no comportamento comunicativo e no repertório da pessoa autista. No entanto, espera-se que analistas do comportamento adotem uma postura crítica a hipóteses que se concentrem principalmente no indivíduo, tomando as contingências como mero "contexto", e não como parte integrante da unidade de análise. Segundo Skinner (1978), o comportamento verbal pode ser entendido como um comportamento reforçado pela mediação de outras pessoas, mas é apenas a partir da soma entre comportamentos do falante e ouvinte que se obtém o que chama de "episódio verbal total", salientando a importância da "combinação" de comportamentos de dois ou mais indivíduos para a comunicação acontecer. Desse modo, a interação social precisa ser interpretada da maneira em que as duas partes se influenciam mutuamente e não como inerentes a somente um dos indivíduos. Conforme os estudos apresentados acima, costuma-se atribuir as falhas na interação aos déficits no repertório do público autista, sem compreender que a dificuldade é resultante da

interação entre diferentes perfis neurológicos (Guevara, 2021). Essa forma de leitura responsabiliza o autista por uma dificuldade que é bidirecional pela dificuldade e retira dos interlocutores neurotípicos qualquer responsabilidade pelas falhas na interação. Enquanto isso, a pessoa adolescente que apresenta um perfil neurológico patologizado (interpretado culturalmente como deficitário) sente necessidade de se adequar aos padrões neurotípicos, permitindo muitas vezes transpor seus limites pessoais para evitar punição e terem aceitação de outros adolescentes (Chapman et al., 2022). Ao considerar o valor dado aos relacionamentos sociais na adolescência e como essas relações são uma forma de reconhecimento pelos pares, torna-se ainda mais evidente a necessidade de ser aceito e de agir conforme o esperado pelo outro, o que, inclusive, impacta negativamente a saúde mental de adolescentes autistas (Chapman, 2020). Estabelece-se assim uma relação não horizontal, com diferentes níveis de poder, em que é possível compreender como a pessoa autista se sente inferiorizada e na necessidade de ceder às solicitações do outro. Mazzucchelli (2001) pontua que frequentemente pessoas com deficiência já apresentam uma história de reforçamento de obediência e submissão que tende a ser prejudicial para a vítima e favorável ao abusador.

Por meio desse resgate temporal, evidencia-se que os estudos iniciais na temática de sexualidade com o público autista foram guiados pelo modelo biomédico e pelos objetivos de avaliar e corrigir comportamentos sexuais comumente taxados como inadequados. A ênfase, nesses estudos, recai sobre déficits ou excessos comportamentais em comparação com o modelo neurotípico, com pouco interesse nas experiências das pessoas autistas e pouco espaço para reflexões sobre fatores sociais mais amplos.

Mudança de paradigma: neurodiversidade e modelo social da deficiência

A partir dos anos 2010, inicia-se uma mudança de paradigma na conceituação do autismo, impulsionada pelos movimentos pela neurodiversidade e pelo modelo social da deficiência. O movimento pela neurodiversidade é um movimento político que propõe que todos os perfis neurológicos são necessários para a estabilidade cultural da humanidade, da mesma forma que a biodiversidade é necessária para a manutenção do ecossistema (Singer, 2017). O termo foi criado coletivamente por pessoas autistas (Botha, 2024) e popularizado por Judy Singer (1998). O movimento tem sido protagonista na conquista de direitos e espaços para pessoas com deficiência e na mudança da compreensão de autismo e outras condições no meio científico. Graças às contribuições de pessoas autistas e ativistas da causa, observa-se uma transformação (ainda que lenta) no paradigma da patologia para o da neurodiversidade (Sala, 2020). Essa mudança é influenciada também pelo modelo social da deficiência, que propõe a compreensão de que os desafios vividos pelas pessoas com perfis neurológicos divergentes ocorrem devido à interação entre as características da pessoa com deficiência e as barreiras sociais que lhe são impostas, e não pela deficiência em si (Dwyer, 2022).

Adotando a compreensão de neurodiversidade, os estudos na última década buscaram compreender a sexualidade das pessoas autistas como um fenômeno diferente, devido às suas especificidades e às barreiras sociais experienciadas. O foco da pesquisa migra do comportamento sexual visto como desviante para o desenvolvimento da sexualidade e de identidade (Ballan & Freyer, 2017). Na tentativa de mapear a experiência sexual de pessoas autistas, foram realizados estudos qualitativos (Beato, 2024; Lundin, 2021; Cheak-Zamora, 2019) e quantitativos (Hancock, 2017; Pecora, 2019).

Hancock (2017) explica que há uma defasagem prejudicial na qualidade e na temporalidade da educação sexual oferecida para pessoas neurodivergentes. De forma geral, jovens neurodivergentes sofrem da mesma precariedade na educação sexual que seus colegas neurotípicos, porém, sua educação informal, diferentemente dos colegas neurotípicos, costuma ocorrer após finalizada sua vida escolar. Ou seja, a educação sexual formal tem ocorrido de forma escassa e ineficiente e a informal ocorre (quando ocorre) mais tarde, quando a vida social muitas vezes está mais restrita e há poucas oportunidades para diálogo com pares acerca do assunto. Sem parceiros para conversar, os jovens neurodivergentes buscam outras fontes para aprender sobre o tema (como internet e pornografia), o que pode ter influência negativa na qualidade da informação a que têm acesso (Beato, 2024).

O foco crescente na sexualidade e identidade das pessoas autistas gerou informações sobre suas preferências e percepções da sexualidade. Por exemplo, autistas tendem a se preocupar mais do que pessoas neurotípicas com a afinidade de interesses ao procurar parceiros românticos (Yew, 2021). Além disso, consideram fundamental que parceiros estejam dispostos a respeitar suas necessidades específicas (Sala, 2020). Ao utilizar a Escala de Comportamento Sexual (*Sexual Behavior Scale III*), Hancock (2017) identificou que pessoas autistas avaliam ter menos oportunidade de desenvolver relacionamentos (devido ao isolamento social em que se encontram) e maior preocupação com o futuro do relacionamento, em comparação com seus pares neurotípicos. Em uma pesquisa sobre o assunto, Pecora (2019) explorou o funcionamento sexual, prevalência de interesse, comportamento sexual e experiências sexuais negativas em uma amostra de 419 pessoas nos Estados Unidos, sendo 232 autistas, das quais 111 eram mulheres. Por meio de uma pesquisa quantitativa, Pecora (2019) concluiu que mulheres autistas tinham maior probabilidade a (1) se envolver em comportamento sexual do qual posteriormente se

arrependia, (2) consentir com relações sexuais que não tinham interesse e (3) serem vítimas de violência sexual. Identificou-se também que mulheres autistas iniciam sua vida sexual na faixa dos 18 anos, aumentam na faixa dos 30 e diminuem a partir dos 40 anos (não há redução na frequência de episódios sexuais na população sem diagnóstico nessa faixa etária, em contrapartida). Em um comparativo, mulheres autistas iniciam sua vida sexual mais ou menos na mesma idade que mulheres neurotípicas, mas relatam, mais frequentemente, serem coagidas a terem relações sexuais indesejadas. Mulheres autistas reportam 7,15 vezes mais violência sexual do que os homens com o mesmo diagnóstico e 2,52 vezes mais do que mulheres sem diagnóstico. Foi identificado que a fase mais crítica de violência sexual ocorre na faixa etária entre 31 e 40 anos e a menor probabilidade é entre 18 e 30 anos (Pecora, 2019). Não há dados em relação a violência sexual no período da adolescência, pois as pesquisas focam no público adulto. Outra característica divergente apresentada pela autora em relação à população neurotípica é a alta identificação com orientação não heterossexuais, com 69% das mulheres autistas se identificando como não heterossexuais enquanto só 46% das neurotípicas.

Há também, nos estudos sobre sexualidade e autismo, um grande desequilíbrio nas amostras de participantes, com predominância do público masculino e na idade adulta.

Mizael (2022), por exemplo, contabilizou publicações com adultos autistas e, dentre estes, com mulheres autistas em periódicos de análise do comportamento. Em dezembro de 2020, identificou 10 publicações realizadas com amostra adulta nos 344 artigos voltados para autistas, nenhum deles exclusivamente com mulheres.

Bargiela, Steward e Mandy (2016) descrevem como a falta de pesquisas voltada para as mulheres autistas dificulta o diagnóstico e o desenvolvimento de tecnologia científica específica para essa população. No recorte da temática da sexualidade, há prevalência do público masculino

(com poucas pesquisas direcionadas especificamente para mulheres, como as realizadas por Bargiela em 2016 e Cazalis em 2022) e adulto, sem direcionamento à população adolescente (Ballan & Freyer, 2017).

Recapitulando, apesar dos avanços em direção a uma visão mais ampla da sexualidade, ainda há uma lacuna no protagonismo dos envolvidos. Historicamente, as pesquisas realizadas com público autista foram feitas na ótica da patologização, concebendo a diversidade na forma de agir como falta de repertório. Mesmo com avanços em direção a uma visão mais ampla da sexualidade, participantes autistas de pesquisas ainda são tratados como objetos de estudo passivos, mais do que como protagonistas. Por conta dessa concepção, as pesquisas não costumam considerar a opinião da amostra autista nas temáticas a serem estudadas e nem considerar suas opiniões sobre o assunto. Com a compreensão do espectro autista como uma condição de existência humana, por meio da lógica da neurodiversidade e o modelo biopsicossocial de deficiência, o protagonismo autista deve ser levado em consideração e adotada a participação do público nas temáticas que lhe dizem respeito. Nesse sentido, Rothman e Holmes (2021) entrevistaram adolescentes autistas para identificar o que gostariam de aprender em um currículo de educação sexual e elaboraram o protocolo HEARTs com base nos repertórios definidos por eles (manter-se motivado para fazer e conservar amizades, lidar com ansiedade social, tomar riscos emocionais, cultivar reciprocidade nas relações, identificar, comunicar e respeitar limites emocionais e sexuais). Incluir a população alvo das intervenções nas decisões é umas das formas de dar protagonismo à população e garantir validade social à produção científica. Em relação à temática da sexualidade, Mizael (2021) sugere que as pesquisas investiguem o que controla a maior vulnerabilidade à violência na população autista, como o impacto do seguimento de regras na incidência de violência sexual, possíveis relações entre

déficits na comunicação e interação social na inserção e manutenção de relacionamentos abusivos e a influência de específicas operações motivadoras na inserção e/ou manutenção de situações de abuso/exploração. É necessário também assumir o compromisso ético de elaborar prática voltada para a equidade das relações em vez de normalizar as pessoas ao padrão neurotípico, seja dentro de relacionamentos ou em outros aspectos.

A literatura sinaliza que o engajamento com os pares media as diferenças nas dificuldades de relacionamento (Hancock, 2017). Isso ocorre, possivelmente, por promover o ensino informal (ou seja, durante a conversa, são trocadas experiências e aprende-se sobre relações e sexualidade) e por aumentar a confiança ao interagir com os pares. Por isso, uma intervenção realizada em grupo, com outros adolescentes neurodivergentes, para debater sobre os desafios provenientes da experiência sexual e relacionamentos afetivos, se apresenta como uma possível forma de promover a educação sexual informal.

Feminismo e o Cuidado

Não é possível falar sobre mudanças nos estudos da sexualidade sem mencionar a influência do movimento feminista na área, ainda mais quando, como vimos, uma das disparidades na representatividade das pesquisas sobre sexualidade em pessoas neuroatípicas é justamente a disparidade de gênero. Pois bem, o que é o feminismo? Em poucas palavras, é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão (Hooks, 1952). Para isso, é estudado como o patriarcado afeta diferencialmente os comportamentos de homens e mulheres: permitindo aos homens o acesso ao planejamento de contingências que garantem acesso a reforçadores e excluindo as mulheres dessa organização (Cravo, 2022). Se buscamos modificar essas organizações que privilegiam um grupo sobre o outro, é necessário entender como essas

contingências estão organizadas. Para exemplificar, vamos analisar como a cultura de estupro age. Em nossa sociedade, mulheres não devem andar em espaços públicos, usar certas roupas e nem agir de certas formas, caso contrário, elas serão punidas (por meio de estupro, por exemplo). Por meio de uma organização de contingências aversivas não explicitadas, as mulheres são demandadas a se limitarem e, se ousarem divergir do que lhes é imposto, serão responsabilizadas pelas consequências estabelecidas socialmente. A cultura de estupro² é uma forma de controlar como os papéis sociais e as relações se dão em uma sociedade patriarcal. O controle é garantido por meio da violência e da ameaça da violência. Enquanto o comportamento da mulher é controlado por essa contingência coercitiva, os homens estão em um arranjo diferente. Se eles violentam, não são punidos, afinal, foi a mulher que não tomou os devidos cuidados. A cultura do estupro é uma organização de contingência que privilegia o homem, restringe e culpa a mulher pela própria violência sofrida.

Zanello (2018) apresenta, por meio da metáfora da prateleira do amor, como a identidade das mulheres é definida pelo valor que os homens dão a elas. Ou seja, o sucesso de uma mulher é definido pela sua capacidade de conquistar e manter um relacionamento amoroso. Essa estrutura dá vantagem e um local de privilégio para os homens enquanto tira o poder das mulheres por pressupor a dependência psicológica delas ao amor. Ter clareza de como essas tecnologias de gênero operam aponta a direção do nosso trabalho para mudar estas contingências. O primeiro passo para isso é o letramento de gênero.

Sendo o patriarcado uma desigualdade entre coletivos e um poder mantido sobre coletivos, a mudança mais substancial só é possível, também, por meio de ação coletiva. O problema do patriarcado não é um problema de escolhas de vida individuais, e sim uma questão

²Para maior compreensão acerca do conceito de cultura de estupro ver o livro "Against Our Will: Men, Women and Rape" de Susan Brownmiller (1975)

de contingências amplas e estruturais e, como dissemos, em grande parte, não nomeadas. Podemos buscar direcionamento para essas ações coletivas com os valores prescritivos do feminismo por Bell Hooks, que foram operacionalizados de forma analítico-comportamental por Carneiro (2020).

De acordo com a autora feminista:

"o enfrentamento abrange fenômenos comportamentais de contracontrole, como: responsabilização nas lutas individuais tanto em prol da coletividade como junto a ela, mesmo em casos de opressões não relacionadas às suas. Lutar ativamente contra diferentes formas de opressão, confrontando a socialização que enfatiza o poder pela coerção, e denunciando-a a favor da libertação feminina e masculina. Confrontar dores individuais e coletivas a fim de gerar resistência para proteção contra desumanização, em situações de dominação ou relações íntimas e/ou familiares" (Carneiro, 2020, p.71).

Evidentemente, a ação coletiva possui mudanças no nível individual. É preciso que cada indivíduo tenha clareza das contingências que influenciam os padrões comportamentais dos diferentes gêneros na nossa sociedade e é necessário monitoramento das nossas próprias ações para apresentar uma resposta de contracontrole a esses esquemas de reforçamento. No entanto, mesmo essas ações aparentemente individuais dependem do reforço mediado por outras pessoas. Denunciar injustiças de forma solitária não é fácil e raramente tem efeito. Por isso, é pontuado também o valor da solidariedade, que fortalece o enfrentamento ao reduzir os riscos de quando se enfrenta sozinha. É no apoio comum entre as mulheres que encontramos os nossos reforçadores para criar novas respostas e para nos mantermos no caminho. Para Bell Hooks, é, ao adotar o amor como uma ação que conseguimos construir uma ética amorosa para cultivar respeito entre as pessoas, agir com honestidade e comprometimento (Kuratani, 2022). Outras teóricas feministas apontam para o cuidado coletivo como o caminho para mudanças significativas. Por

exemplo, o "Care Manifesto", escrito por um coletivo feminista da Inglaterra, propõe colocar o cuidado no centro das nossas ações e relações, fornecendo condições políticas, sociais, materiais e emocionais que permitem que as pessoas prosperem (The Care Collective, 2020). É por meio do apoio mútuo que conseguimos agir colaborativamente e mudar as estruturas que nos oprimem. Precisamos gerar redes de pertencimento e construir um ambiente de acolhimento, escuta e validação para conseguir nos fortalecer e criar mudanças de impactos nas desigualdades.

E agora, como agir?

Diante da alta taxa de violência sexual direcionada a pessoas autistas, estudos (Doughty & Kane, 2010; Miltenberg, 1999) têm surgido com o objetivo de desenvolver estratégias de intervenção efetivas que desenvolvam, neste público, habilidades de segurança (Dekker, 2015; Rothman & Holmes, 2021). Para ser capaz de se proteger das situações de abuso, os estudos indicam que mulheres autistas precisam desenvolver habilidade de: discriminar situações potencialmente perigosas, responder verbalmente a situações abusivas, escapar do ambiente e reportar o ocorrido (Lumley & Miltenberger, 1997). Com o início da adolescência, o valor dado às relações familiares diminui e é dado prioridade aos vínculos de amizade, relacionamentos íntimos e afiliações a grupos (Brown & Klute, 2003). Mesmo com interesse em se envolverem em relacionamentos amorosos, pessoas autistas têm encontrado dificuldade em iniciar e manter relacionamentos na sociedade. Hellemans, Colson, Verbraeken, Vermeiren e Deboutte (2007) aponta que 3 de 24 adolescentes autistas de alto funcionamento³ de sua amostra tinham um parceiro e, em um estudo longitudinal, somente 3 de 68 indivíduos se casaram (Howlin, Goode, Hutton & Rutter, 2004).

³Termo obsoleto usado para descrição de nível de suporte ambiental reduzido que a pessoa autista necessita cotidianamente.

Duas revisões sistemáticas de literatura (Mikton et al., 2014 e Sutherland et al., 2024) feitas com intervalo de dez anos entre elas, buscaram avaliar a eficácia de intervenções de educação sexual para pessoas com deficiência. Na primeira, atingiram critério de seleção dez publicações e todas foram consideradas metodologicamente fracas e com resultados ineficientes. Dez anos depois, Sutherland percebe uma crescente nos estudos voltados para as mulheres deficientes e conduz uma revisão com foco em intervenções de prevenção primária (ou seja, antes da violência ocorrer) voltada somente para mulheres. Somente doze estudos atingiram o critério da revisão, sinalizando ainda escassez na área, e todos apresentaram resultados fracos, devido ao alto risco de viés. Mesmo uma década depois, seguimos sem saber o que funciona para prevenir violência contra mulheres com deficiência.

Em suma, as pesquisas até agora mostram que (1) as meninas são vítimas de violência e agressão sexual em maior proporção que os meninos, (2) as meninas autistas têm maior probabilidade ainda de serem vítimas e (3) a maior parte das intervenções, até agora, tem se centrado em soluções individuais, em que se continua focando no déficit (é a pessoa vítima de violência que precisa mudar para que essa não se repita). Apesar dos avanços proporcionados pelo paradigma de neurodiversidade, seguimos ignorando o que as pessoas neurodivergentes têm sinalizado há anos: que o principal problema é, na verdade, a falta de apoio. Enquanto neurotípicos possuem recursos para compensar a ineficácia da educação sexual formal, como contato social e observação nos meios sociais, os autistas têm baixo acesso à educação sexual informal. A falta de ter com quem conversar sobre o assunto (quantidade de engajamento com os pares) é um dado que media as diferenças nas dificuldades de relacionamento. Portanto, é preciso pensar em intervenções que enfatizem o diálogo e o apoio mútuo.

Nessa direção, este estudo busca verificar se a leitura dialógica, guiada pela metodologia LuDiCa, de material literário voltado para o letramento de gênero, pode ajudar meninas adolescentes a identificar essas contingências não explicitadas relacionadas a gênero e sexualidade, para compreender como elas atuam, e, a curto e longo prazo, dar a elas maior poder e liberdade para, coletivamente, buscar modificações nas contingências culturais coercitivas para o desenvolvimento pleno da mulher.

LuDiCa

A LuDiCa (Leitura Dialógica para Compreensão Profunda) é uma metodologia desenvolvida por Pfeiffer-Flores e colaboradores (e.g., Flores, Rogoski, & Nolasco, 2020; Queiroz., Guevara, de Souza & Flores, 2020; Flores & de Oliveira-Castro, 2020; Rogoski, & Flores, 2021) que visa facilitar a compreensão de narrativas além da linha de eventos e favorecer o diálogo do grupo que compartilha a leitura. Convites são feitos a fim de que se comportem verbalmente e de se promover o controle múltiplo por unidades temáticas (Skinner, 1957) da narrativa, mais que por unidades formais, controle esse que chamamos de Compreensão Profunda, em oposição à compreensão muitas vezes esperada em contextos escolares e acadêmicos, que se centra ao redor de unidades topográficas.

As unidades temáticas da narrativa (denominadas de funções narrativas) são extraídas por meio de uma análise das contingências programadas presentes no texto (Pfeiffer-Flores, Oliveira-Castro & Souza, 2020). As funções narrativas podem estar distribuídas no texto, mesmo que implícitas (Moraes & Flores, 2022) e podem ser descritas de forma não-técnica como a dimensão da narrativa que atribui significados aos eventos da história, podendo produzir respostas de interpretação, identificação e expansão (Rogoski & Flores, 2018). Essas funções

narrativas, junto com as falas das participantes, guiam as intervenções da mediadora de leitura. A LuDiCa acontece por meio de um ciclo dialógico, no qual a leitura é realizada em voz alta e são feitos convites ao diálogo por meio de perguntas que abarcam as funções narrativas. A razão pela qual faz sentido se ancorar nas funções narrativas para guiar o diálogo é expressar contingências programadas pelo texto para evocar comportamentos verbais dos leitores. Após o convite ao diálogo, o mediador faz uso de reforçamento diferencial e estimulação suplementar para auxiliar os participantes a alcançarem a função narrativa previamente selecionada. Entende-se por compreensão profunda, portanto, essa imersão nas contingências do texto em oposição a um treino governado por regras em que se buscam, sobretudo, semelhanças topográficas entre o que está no texto e o que os participantes são cobrados a dizer. A LuDiCa é, portanto, profundamente embasada pelo referencial teórico skinneriano do comportamento verbal (Skinner, 1957) e vem apresentando resultados em suas pesquisas experimentais de promoção de interação por meio da roda de leitura com público autista (Caldas & Flores, 2019; Guevara, Queiroz & Flores, 2017; Queiroz & Flores, 2017). O princípio não punitivo da LuDiCa cria abertura para o debate e elaboração coletiva, inclusive para abordar temas difíceis (por exemplo, o Experimento 3 em Rogoski, 2024).

Considerando as limitações no acesso à educação sexual formal e informal enfrentado por essas jovens, este estudo busca explorar o potencial do método LuDiCa, por meio da leitura do romance gráfico "Desconstruindo Una", de autoria de Una, como espaço para fortalecer laços, compartilhar experiências e fomentar soluções coletivas para desafios relacionados à violência sexual e desigualdade de gênero. A obra escrita e ilustrada por Una, quadrinista inglesa, narra a história da protagonista que cresce em meio a uma cultura na qual a violência masculina não é questionada e punida. Por meio das vivências da personagem, são abarcadas temáticas como

estereótipos de gênero, relacionamentos amorosos e o poder do apoio mútuo para promover mudanças culturais. A decisão pela intervenção em formato de grupo se deu com objetivo de promover o diálogo entre as participantes (aumentando a interação com os pares sobre esse assunto) e para facilitar o apoio mútuo que, como vimos, é o principal fator em falta na educação contra a violência de gênero e que se acentua ainda mais no caso de adolescentes autistas. Mas por que focar nas meninas? Além de serem as mais vitimizadas em situações de abuso sexual (Pecora, 2019), as indicações de pseudo-soluções individualistas e muitas vezes restritivas de direitos são direcionadas a elas. Por exemplo, quando um agressor comete violência contra uma mulher na rua, é comum que a sociedade pergunte sobre a roupa da vítima ou sobre seu estado de lucidez, como se coubesse à vítima a responsabilidade pelo ocorrido. Ao discutir com meninas autistas sobre as contingências de violência sexual e de gênero, em um ambiente não punitivo e ao redor de uma obra literária, espera-se criar contingências favoráveis para que, por sua vez, o grupo descreva acuradamente as contingências que favorecem a violência sexual e discuta soluções voltadas, não para a culpabilização, e sim para mudanças culturais.

Objetivos gerais

Construção de espaço de apoio mútuo coletivo para prevenção de violência sexual e promoção da sexualidade e da identidade de adolescentes mulheres autistas. Levaram-se em consideração os seguintes critérios para a promoção deste espaço: 1) presença de pares; 2) profissional/mediadora capacitada em LuDiCa; 3) promoção do diálogo; 4) direcionamento para pontos importantes de compreensão; 5) acolhimento e apoio; 6) convite para a interseccionalidade com a neurodivergência.

Objetivos específicos

- avaliar o impacto da LuDiCa na promoção de soluções coletivas que não culpabilizam as vítimas, nem restringem a liberdade das meninas como meio de garantir segurança
- examinar como o método LuDiCa pode facilitar o compartilhamento de experiências entre as participantes, contribuindo para um ambiente de apoio mútuo e compreensão.
- investigar a eficácia do método LuDiCa em encorajar abordagens que visem a igualdade de gênero e a prevenção da violência sexual através do diálogo e reflexão crítica sobre o livro "Desconstruindo Una".

2. Método:

O projeto de pesquisa referente a este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (CAAE: 72056823.4.0000.5540) e a participação das adolescentes foi autorizada por elas (assentimento informado) e pelos seus responsáveis (consentimento informado).

2. 1. Participantes:

A amostra foi selecionada seguindo os seguintes critérios de inclusão: identificar-se como mulher, ser autista e ter entre 13 e 17 anos. O recrutamento foi feito por meio de divulgação pela internet em grupos de redes sociais voltados para pessoas autistas. A amostra inicial foi composta por catorze meninas, sendo que duas assinaram termo de consentimento, mas não deram início ao processo, e outras duas deixaram de comparecer às sessões do estudo durante o processo da intervenção. Assim, a amostra final foi composta por dez participantes. Quando demandadas sobre o motivo de sua saída, relataram que não estavam se sentindo confortáveis

com a temática debatida. As participantes foram divididas em três grupos para participação do processo de pesquisa conforme suas compatibilidades de horário. Dois grupos foram formados por três meninas e um, por quatro. A Tabela 1 apresenta mais informações sobre as participantes para melhor caracterização da amostra.

Tabela 1

Características das doze participantes que iniciaram a pesquisa

Idades	Orientação sexual autodeclarada	Identidade racial autodeclarada	Região do Brasil
2 - 15 anos	1 - lésbica	8 - brancas	9 - centro-oeste
4 - 16 anos	3 - heterossexuais	4 - pardas	2 - norte
6 - 17 anos	7 - bissexuais ou pansexuais		1 - nordeste
	1 - indefinido		

2.2. Ambiente das sessões:

Os encontros foram realizados em ambiente virtual para facilitar a compatibilidade de horário entre as participantes e possibilitar a presença de meninas residentes de outros estados. Foi utilizada a plataforma *Google Meet* para a reunião e exibição do romance gráfico. Para garantir a privacidade das participantes, foi sugerido o uso de um cômodo reservado para elas e o uso de fones de ouvido para todas as integrantes do grupo. A pesquisadora e a mediadora da leitura estavam juntas, em uma mesma sala, enquanto cada participante estava em sua casa. Todas as participantes concordaram em manter as câmeras ligadas durante os encontros, salvo em situações específicas em que solicitaram desligar devido a desconfortos individuais. Foi feita a filmagem das sessões, por meio do próprio recurso da plataforma virtual, com autorização prévia das participantes. A história em quadrinhos foi compartilhada pela pesquisadora para todo

o grupo a fim de que a leitura fosse realizada em conjunto. O cuidado com a ambientação teve como objetivo promover um espaço acolhedor, seguro e o mais similar possível a um encontro presencial.

2.3. Materiais e instrumentos:

Obra literária

A obra escolhida foi um romance gráfico escrito e ilustrado por Una, uma autora britânica conhecida por seu trabalho em quadrinhos autobiográficos e feministas. A obra aborda questões relacionadas à violência sexual, de gênero e silenciamento das mulheres.

"Desconstruindo Una" se desenrola em meio a uma série de assassinatos de mulheres não resolvidos na região de Yorkshire, na Inglaterra, durante a década de 1970. Ao mesmo tempo, a protagonista, que luta com sua própria identidade e sexualidade, enfrenta o impacto do assédio e do estupro em sua vida. A obra examina as maneiras pelas quais a sociedade culpabiliza e silencia as vítimas de violência sexual, criando um ambiente hostil que dificulta as mulheres denunciarem seus agressores e procurarem justiça. Pela clareza dessa mensagem ao longo da narrativa e as ilustrações impactantes, que transmitem a angústia da personagem, foi definida esta obra para ser usada na intervenção.

Ao longo da narrativa, acompanhamos o desenvolvimento da personagem que começa a entrar em contato com o feminismo e perceber que é por meio da união com outras mulheres que a mudança é possível. Seguindo esse caminho, a pesquisa buscou provocar as participantes a discutirem entre elas e buscar, juntas, soluções para essa violência.

2.4. Análise da obra

Parte do material (não físico, mas lógico) fundamental na aplicação da metodologia LuDiCa consiste na análise da narrativa em funções narrativas. Analisamos as funções narrativas presentes no livro, que, conforme explicado na introdução, formam a base dos convites para o diálogo da mediadora e também da avaliação posterior de que funções narrativas foram abordadas pelo grupo, tanto a partir de convites ao diálogo quanto espontaneamente, que são fundamentais para a compreensão da história. Foram mapeadas as funções da narrativa que tivessem relação direta com o tema da violência de gênero. A análise da obra mapeou momentos relevantes da narrativa que envolvem ideias marcantes para a história e, conseqüentemente, para a compreensão da obra. Das funções encontradas, foram destacadas oito, devido à sua centralidade na obra e sua relevância para o objetivo da presente pesquisa: (1) o que se espera de mulheres na nossa cultura, (2) silenciamento, (3) violência no relacionamento, (4) cultura de estupro, (5) aceitar migalha para ser escolhida, (6) violência sexual, (7) respostas emocionais relacionados ao tema e (8) buscar apoio em outras mulheres. A seguir, descrevemos mais detalhadamente as funções narrativas e damos exemplos do romance gráfico utilizado.

1. *O que se espera das mulheres na nossa cultura*: momentos no texto ou ilustrações que representam às expectativas sociais e culturais sobre o papel das mulheres, incluindo normas de comportamento, papéis de gênero tradicionais e estereótipos relacionados à feminilidade. No romance gráfico, Una relata que o xingamento mais pesado que uma mulher poderia receber é o de "vadia". Ela questiona o que leva a sociedade decidir se uma mulher é vadia ou não: se é por prática sexual ou por desagradar um homem, sem envolvimento de qualquer prática sexual. Ela explora como a polícia não dá o devido valor à série de assassinatos, no início,

por acreditar que o assassino estava matando "somente prostitutas". A protagonista se questiona por que aquelas mulheres podem morrer sem causar comoção, enquanto outras não, dando ênfase às expectativas sociais em relação ao comportamento das mulheres. Quando começa a ser evidente que as mulheres assassinadas eram mulheres comuns (cada qual com seu dilema pessoal), a polícia e a mídia buscam investigar suas vidas pregressas e identificar ações que seriam vistas pelo olhar da sociedade como "coisa de vadia". A narrativa deixa evidente que era esperado das mulheres uma vida doméstica e de subserviência, pois tudo que fugisse dessa expectativa facilmente seria interpretado como errado. O xingamento focado na atividade sexual ofende exatamente por colocar as mulheres no lugar onde não devem ocupar (Zanello, 2008). Essa expectativa no comportamento das mulheres facilita a culpabilização da vítima nas situações de violência, responsabilizando-as por não terem se protegido suficientemente. Por diversas vezes na narrativa, essa confusão com ser ou não vadia coloca Una em dúvida se ela tem culpa nos episódios de violência sexual dos quais foi vítima na infância e adolescência.

2. *Silenciamento*: práticas culturais em que as vozes das mulheres são desencorajadas, suprimidas ou ignoradas, seja por meio de pressão social, ameaças, intimidação ou outras formas de coerção. Una sofre violência sexual na infância e na adolescência e relata no livro que nunca considerou denunciar. O estereótipo de vadia que lhe foi imposto fazia com que ela se sentisse responsável pela violência que sofreu. Essa é uma prática que se mantém imposta à vítima por se vergonhar. Um dos abusadores de Una reforçou a ideia de falta de justiça

nesses casos, ao dizer para ela, após o estupro, que "não tinha feito nada de errado, pois ele só pegou o que já era dele". A certeza da impunidade fortalece os abusos e desencoraja as buscas por justiça. Ao apresentar os dados de casos de violência sexual em que não resultaram em justiça, a autora diz: "é claro, se você não denunciar, você não conta, mas não parece contar muito se você o fizer também".

3. *Violência no relacionamento*: qualquer comportamento ou ação que cause dano físico, emocional, psicológico ou sexual a um parceiro em um relacionamento íntimo. Ao longo da história, Una relata diversas violências vivenciadas pelas mulheres na história: da sua mãe que é agredida fisicamente e tem as roupas destruídas pelo namorado, de vítimas do estripador que viviam situações desbalanceadas com seus parceiros antes de serem assassinadas e suas próprias histórias de violência sexual e psicológica causada por namorados. Essa função apresenta a relação como essas contingências que favorecem os homens estão interligadas com a violência dentro dos relacionamentos. Por mais que a temática de violência doméstica esteja sendo bastante discutida na mídia, não há compreensão profunda de sua relação com a dominação masculina.
4. *Cultura do estupro*: conjunto de crenças, normas e práticas sociais que perpetuam a aceitação e normalização da violência sexual, colocando a responsabilidade sobre a vítima e minimizando ou justificando o comportamento do agressor. Tais elementos normalizam a violência sexual, caracterizando-a como um acontecimento banal. Um exemplo disso é o uso da hipersexualização e cenas de violência na mídia, propagandas e música. É considerado aceitável piadas sobre

estupro, comentários depreciativos sobre as mulheres e a desconsideração ao consentimento. No romance gráfico, enquanto mulheres estão sendo assassinadas na região, a torcida do time de futebol de Leeds começou a usar uma nova música exaltando as ações do estripador (a música era: "um estripador de yorkshire! Só existe um estripador de yorkshire!"). Como mencionado anteriormente, a cultura do estupro reduz a responsabilidade dos homens ao violentarem e culpa a vítima por não ter se protegido.

5. *Aceitar migalhas para ser escolhida*: em uma cultura em que o valor da identidade de uma mulher está relacionado a ter e manter um homem, aumentamos a probabilidade de as mulheres desconsiderarem as suas necessidades e tolerarem comportamentos desrespeitosos de parceiros para se manterem sendo escolhidas por eles (Zanello, 2018). Seguindo a lógica da "prateleira do amor" da autora, a autoestima da mulher é terceirizada pela aprovação dos homens, portanto, dependendo do seu lugar na prateleira, ser escolhida por um homem pode ser a sua oportunidade de se sentir valorizada. No romance gráfico, Una descreve, ao começar a sofrer *bullying* na escola sendo chamada de vadia, que corre para conseguir um namorado na tentativa de mudar a forma como os outros a percebiam. Não havia real interesse nesse namoro, ao contrário, ela inclusive o descreve como repulsivo, mas segue com ele, pois ser escolhida por um homem (mesmo um repulsivo) é melhor do que ser uma vadia. A posição que Una estava na prateleira do amor era tão ruim que até um repulsivo poderia ser um partidão.

6. *Violência sexual*: qualquer ato ou tentativa de obter coerção ou consentimento inadequado para atividade sexual, utilizando força física, ameaça, manipulação emocional, ou qualquer forma de pressão para induzir uma pessoa a se envolver em atividades sexuais contra sua vontade ou sem seu consentimento pleno e livre. Para essa função, foram abarcados elementos essenciais como consentimento, não só em relações sexuais, mas em relação a qualquer toques físicos. É considerado violência sexual também qualquer tipo de atividade sexual que envolva crianças ou adolescentes devido à incapacidade de consentir devido à sua idade, maturidade emocional e cognitiva. A personagem descreve um episódio em que um adulto a abordou quando tinha dez anos, dizendo que ela parecia ser mais velha do que realmente era e a violentou sexualmente. Anos depois, ela passa por outra situação de violência sexual com um namorado.
7. *Respostas emocionais relacionadas à violência de gênero*: são complexas as emoções vivenciadas por pessoas que passam por violência. É comum se sentir confuso, negar o que aconteceu, desenvolver sentimento intenso de medo e preocupação com a sua segurança, sentir raiva, culpa, vergonha, tristeza, não conseguir falar sobre o assunto e se isolar. Ao longo da narrativa, vemos como Una reage emocionalmente a violência sofrida e como a cultura do estupro fortalece sentimentos como culpa e isolamento. A personagem passa a dormir de luz acesa e com objetos travando a abertura da porta do seu quarto como uma forma de lidar com o seu medo. Seu comportamento como um todo muda: ela fica mais calada, irritadiça e sem reação às violências de gênero que segue sofrendo.

Seu desempenho acadêmico cai drasticamente, não consegue fazer mais amizades e, mais tarde, busca formas de aliviar a dor com uso de substâncias.

8. *Buscar apoio em outras mulheres:* quando Una entra em contato com outras mulheres que falam sobre as violências vividas por ela, encontrando apoio nelas, consegue se fortalecer e ressignificar a sua história. É no compartilhamento com elas que Una entende que foi uma vítima e que não tinha culpa em ter vivido o que viveu. Após essa troca, a protagonista consegue se posicionar, buscar justiça e falar sobre sua experiência para continuar compartilhando com outras mulheres. Essa função aponta para a direção do apoio mútuo como ferramenta para essa mudança cultural.

2.5. Material da Linha de Base e Manutenção

Durante a fase de linha de base e manutenção, usamos o que chamamos de "tirinhas" - pequenas sequências gráficas (não retiradas da obra literária, mas sim feitas por outros autores) - que abordaram cada função narrativa identificada previamente. Foi feito uso desse recurso para possibilitar a sondagem do repertório prévio em relação à identificação dessas funções e à manutenção dos repertórios adquiridos após a intervenção. As tirinhas foram tiradas das obras "Os crocodilos", de Thomas Mathieu, e "Dispositivo amoroso: um guia de autoconhecimento e sobrevivência para mulheres", de Valeska Zanello, em formato digitalizado, para o compartilhamento da imagem das páginas para as participantes. Tirinhas adicionais foram desenvolvidas sob encomenda por uma artista autista (Esther Gheventer), para abarcar as funções narrativas dispostas no romance gráfico que não foram encontradas nas tirinhas comercialmente disponíveis nas obras.

A Tabela 2 apresenta, para facilitar a compreensão, exemplos de tirinhas usadas na fase de Linha de base, Manutenção e Generalização e suas respectivas funções narrativas. A intervenção contou com uma equipe de duas psicólogas treinadas para realizar a mediação. Para o registro das sessões, foi utilizado o recurso de gravação da reunião da própria plataforma digital. Foi utilizado também o inventário SRS-2 (Constantino & Gruber, 2012) para confirmação do diagnóstico na fase de seleção da amostra e os Termos de Consentimento Livre Esclarecido e Termo de Autorização do Uso de Imagem, preenchidos pelos responsáveis, e o Termo de Assentimento, preenchido pelas próprias participantes.

Tabela 2

Exemplos de tirinhas usadas na linha de base, manutenção e generalização com a nomeação de suas respectivas funções narrativas

O que se espera das mulheres	Violência no relacionamento	Cultura do estupro
<p>Buscar apoio em outras mulheres</p>	<p>Respostas emocionais relacionadas a violência</p>	<p>Aceitar migalhas para ser escolhida</p>



Violência sexual

Silenciamento



2.6. Delineamento

Para avaliar o efeito da metodologia LuDiCa na identificação de contingências de violência e promoção de soluções coletivas que não restringem direitos, usou-se um delineamento de linha de base múltipla por grupo de leitura. Nesse caso, portanto, cada grupo de leitura é uma unidade de análise e o procedimento de decalagem de entrada na intervenção é feito por grupo de leitura. A razão para isso é que as medidas comportamentais descritas a seguir, que foram analisadas em função da intervenção, são produtos verbais do grupo e não de indivíduos. Durante um debate em grupo, há constante intercâmbio entre papel de falante e

ouvinte, em que um estimula e completa a fala do outro, não sendo, logicamente, atribuída a produção de uma unidade temática mais ampla a um indivíduo de forma isolada. Como vimos na introdução, o episódio verbal completo, segundo Skinner (1978), depende da soma entre comportamento de falante e de ouvinte, portanto, deve-se focar em como as diferentes contribuições se influenciam mutuamente para uma construção coletiva. Dessa forma, o interesse aqui é observar a ocorrência das medidas comportamentais entendidas como episódios verbais completos que produziram unidades temáticas de apoio mútuo e construção coletiva de soluções.

Ao delimitar diferentes inícios para a entrada da intervenção de cada grupo, foi estabelecido um critério mínimo de exposição à linha de base para cada grupo: o primeiro foi exposto a três tirinhas, o segundo, a cinco e o terceiro, a sete. A sondagem foi feita a partir da apresentação de cada tirinha e a contagem de sete minutos após orientação para que conversassem sobre o que estava sendo apresentado na imagem. A fase de manutenção contou com a apresentação de tirinhas diferentes que abarcavam as mesmas funções narrativas vistas na linha de base, enquanto a generalização contou com novas tirinhas com funções não abarcadas na linha de base. Para todas, foi seguido o mesmo procedimento de apresentação da tirinha, orientação para que conversassem sobre ela por sete minutos e a ausência temporária da pesquisadora.

A pesquisa contou com três fases, que serão mais bem detalhadas a seguir, em que a diferença entre a primeira e a última (linha de base, manutenção + generalização) da intervenção era a mediação usando a metodologia LuDiCa, com convites ao diálogo, feedback e expansões baseadas nas funções narrativas já descritas.

2.7. Procedimentos

Duas psicólogas com conhecimento prévio de LuDiCa participaram do processo da pesquisa. A escolha por duas mulheres foi feita tendo em vista o tema gendrado e a busca por um ambiente de maior conforto para as participantes. A primeira autora fez a análise prévia da obra, em que a história foi dividida em trechos planejados para quatro encontros, e definiu as funções narrativas de cada trecho. A segunda autora atuou como mediadora da leitura dialogada e, por ser a própria criadora da LuDiCa, garantiu amplo conhecimento nos princípios do método e vasta experiência em mediação. Com base no planejamento da primeira autora, a mediadora lia em voz alta a história e fazia convites com base nas funções planejadas. Caso não fosse possível completar o trecho definido previamente para aquele encontro - seja por falta de tempo ou por surgimento de novas funções pontuadas pelas participantes - era dada continuidade, no encontro seguinte, de onde se havia parado ou a função era abordada em outro momento da história. Essa flexibilidade ao longo da leitura é possível porque as funções narrativas não são partes pontuais de uma obra literária e, sim, unidades temáticas que se espalham ao longo da história. Por essa razão, cada grupo teve um período de exposição a intervenção diferente. Salienta-se que, apesar da flexibilidade da mediação, cada função narrativa foi abordada, pelo menos uma vez, durante a fase de intervenção de cada grupo.

2.8. Fases da pesquisa

A pesquisa contou com quatro fases no total: linha de base, condição experimental, manutenção e generalização.

Fase 1: linha de base

A fase 1 foi composta por sondagem por meio de apresentação de tirinhas que abarcavam as funções previamente analisadas. A cada apresentação de tirinha, foi solicitado às participantes que conversassem sobre a imagem por sete minutos, enquanto a pesquisadora se ausentava. Cada grupo foi apresentado a um número diferente de tirinhas, para que fossem realizadas as sondagens. As medidas eram relacionadas à frequência das respostas de (1) descrição acurada da situação de violência apresentada na tirinha, (2) descrição da contingência que sustenta a violência de gênero, (3) indicação de possibilidade que aumenta segurança e não fere direitos, (4) falas que centram o problema na vítima, (5) soluções que ferem direitos e tiram a liberdade, (6) convites a buscar soluções e (7) descrição de ambientes seguros. Nesta etapa, não houve intervenção da mediadora durante o processo de debate.

Fase 2: condição experimental

A fase 2 foi planejada para ter, no mínimo, quatro sessões de leitura dialógica. Em alguns grupos, não foi possível completar o livro em quatro encontros, sendo solicitado pelas participantes para que estendesse a leitura até a conclusão. Por essa razão, tivemos diferentes números de sessões de intervenção nos três grupos. Foi realizada a leitura dialogada da obra "Desconstruindo Una" por meio da LuDiCa, com pausas pré-selecionadas baseadas na relevância das relação às funções relacionadas à temática. A mediadora, nas pausas, fez perguntas de modo a provocar relatos de interpretação e convite ao diálogo voltados para as funções da narrativa. Caso as participantes não alcançassem a função, a pergunta era reformulada e, gradativamente, era aumentado o nível de dica, retomando eventos narrativos, para auxiliar a compreensão das participantes. Esse procedimento descrito é denominado *scaffolding* e é um das estratégias da intervenção LuDiCa. A cada sessão eram feitas três pausas planejadas de convites ao diálogo, de modo a todas as funções serem abordadas ao longo desta condição. Houve sessões em que foram

feitas mais pausas do que as três planejadas, devido ao engajamento do grupo na narrativa. Ao longo da leitura, surgem contribuições espontâneas das participantes (ou seja, fora dos convites da mediadora) que são acolhidas e direcionadas ao diálogo coletivo. Enfatiza-se que a intervenção se dá de forma responsiva, em que toda contribuição das participantes é valorizada e ampliada, assim como é respeitado o silêncio de quem não quiser falar. Como análise de dados, foi feita a contagem e análise da frequência dos comportamentos alvos (listados acima) do grupo entre as condições estabelecidas e mediante a diferentes funções mapeadas.

Fase 3: Manutenção + Generalização

Na terceira fase, foram apresentadas novas tirinhas que atendessem as mesmas funções narrativas da linha de base e, novamente, feito o convite ao diálogo sobre as situações sem a mediação da pesquisadora. Já para a análise de generalização, foram apresentadas novas tirinhas que abarcavam funções narrativas não discutidas na linha de base para analisar se a intervenção promoveu mudança nas medidas avaliadas em funções diferentes (ver exemplo na Tabela 3).

Tabela 3

Exemplo das fases da pesquisa (linha de base, intervenção, manutenção e generalização) com o primeiro grupo

Fase	Sessões			
<i>Linha de base</i>	Apresentação da tirinha 1 da função narrativa "o que se espera das mulheres"	Apresentação da tirinha 1 da função narrativa "violência no relacionamento"	Apresentação da tirinha 1 da função narrativa "silenciamento"	
<i>Intervenção</i>	LuDiCa			
	Funções narrativas abarcadas:	Funções narrativas abarcadas:	Funções narrativas abarcadas:	Funções narrativas abarcadas:

	"violência sexual", "respostas emocionais relacionadas à violência de gênero" e "aceitar qualquer coisa para ser escolhida"	"o que se espera das mulheres", "respostas emocionais relacionadas à violência de gênero" e "violência no relacionamento"	"Silenciamento", "cultura do estupro" e "buscar apoio em mulheres"	"respostas emocionais relacionadas à violência de gênero", "violência no relacionamento" e "cultura do estupro"
<i>Manutenção</i>	Apresentação da tirinha 2 da função narrativa "o que se espera das mulheres"	Apresentação da tirinha 2 da função narrativa "violência no relacionamento"	Apresentação da tirinha 2 da função narrativa "silenciamento"	
<i>Generalização</i>	Apresentação da tirinha 1 da função narrativa "cultura do estupro"	Apresentação da tirinha 1 da função narrativa "aceitar qualquer coisa para ser escolhida"	Apresentação da tirinha 1 da função narrativa "buscar apoio em outras mulheres"	

2.9. Tratamento e Análise de dados

Foi feita a análise quantitativa dos dados por meio de coleta de frequência de cada medida comportamental conforme oportunidade (unidade dialógica). A unidade dialógica é uma segmentação operacional criada para estudos com LuDiCa (Flores, 2024, comunicação pessoal), para facilitar a análise estruturada de diálogos durante a intervenção. O início de uma unidade dialógica é identificado pelo surgimento de um convite ao diálogo, por meio de perguntas, comentários ou observações que introduzem um novo tema ou questão para discussão, frequentemente ancorado em uma função narrativa específica do romance gráfico. Uma função narrativa pode incluir elementos como a introdução de um conflito, o desenvolvimento de um personagem ou a descrição de um cenário, servindo como estímulo para o diálogo. Durante o desenvolvimento, os participantes engajam-se em uma troca dialógica, respondendo e construindo sobre os pontos levantados no início da unidade. Essa fase é marcada por uma

interação ativa e colaborativa, onde as contribuições individuais se entrelaçam com a função narrativa inicial, ampliando ou aprofundando a discussão em torno do tema introduzido. A conclusão da unidade dialógica quando o tema, ancorado na função narrativa inicial, é esgotado ou explorado a contento, indicado pelo consenso entre os participantes ou pela cessação de novas contribuições. Alternativamente, a unidade pode transitar para uma nova através da introdução de um novo tema ou questão, muitas vezes, também baseado em uma função narrativa distinta, marcando, assim, o início de uma nova unidade dialógica (Flores, 2024, comunicação pessoal).

Figura 1*Exemplo de uma unidade dialógica*

Descrição	Exemplo
A mediadora faz uma convite/ pergunta	"Como vocês acham que ela deve ter se sentido?"
Início da participação a partir do convite	"Eu acho que ela deve ter se sentido muito mal porque ela tinha razão e ninguém a escutou"
Inserção de perguntas voltadas para a função narrativa	"Porque vocês acham que ninguém a escutou?"
Respostas dos participantes	"Porque o assassino em série tem um padrão de vítima e ela não se encaixa no padrão dele: de prostituta"
Inserção de perguntas voltadas para a função narrativa de forma mais diretiva	"Por que será que a polícia impôs justamente o padrão de que as vítimas eram prostitutas? Isso é por acaso? Poderia ter sido qualquer outro padrão, do tipo, todas elas usavam renda, ou todas elas tinham cabelo preto?"
Respostas alinhadas com a unidade temática	"Eu acho que foi porque era mais fácil entender que prostitutas não são uma coisa que funciona dentro da sociedade, então são meio que descartáveis. É um bom alvo para botar lá porque a sociedade já tem muita coisa contra elas"
Validação da mediadora	"Muito bom! É um alvo fácil. Mesmo se elas não fossem realmente prostitutas, depois da intervenção da polícia, acabavam sendo."
...	
Fim da unidade dialógica	

As medidas comportamentais foram relacionadas as seguintes:

- Descrição acurada da situação de violência:* descrever ou nomear corretamente como sendo de violência de gênero e/ou identificar aspectos relevantes que tornam a situação violenta. O nível é descritivo apenas, sem reflexões sobre as causas, o contexto e o que favorece essa situação. Por exemplo, ao ver uma imagem em que um homem reclama da namorada postar fotos de biquini, descrever que ele está sendo machista.
- Descrição das contingências que sustentam a violência:* descrição que vai além do nível descritivo ou pontual, em que se é discutido por que isso ocorre, como poderia ser diferente. Por exemplo, ao dizer que as mulheres têm medo de denunciar porque sabem que não serão ouvidas (nesse caso, há descrição da consequência punitiva de denunciar que pode estar por trás da violência descrita).
- Indicação de possibilidade que aumenta segurança e não fere direitos:* ao se deparar com situações de violência, propor soluções que promovam a segurança e não limite a liberdade da vítima. Sugestões como conversar sobre o ocorrido, dar suporte, ser crítico a estereótipos de gênero e denunciar abusos foram contabilizados como falas que promoviam segurança e não restringe direitos às mulheres. Dar suporte faz parte porque compreendemos que é exatamente a experiência prática de uma solução: elas estão vivendo este apoio.
- Convites para buscar soluções:* ao considerar que é por meio do rompimento do silêncio e apoio mútuo entre as mulheres que é possível mudar essas práticas culturais, foram contabilizadas falas direcionadas a construir soluções

conjuntamente ou pedir a opinião das demais participantes para situações de violência.

- Descrição de ambientes seguros:* falas que indicam variáveis destinadas a criar um espaço onde as mulheres se sintam protegidas, respeitadas e apoiadas. Por exemplo, ao ver uma tirinha que ilustrava um dentista encostando as partes íntimas na cliente, a participante descreveu como o profissional deveria se posicionar em relação à paciente.
- Falas que centram o problema na vítima:* há uma prática ainda vigente de culpar a vítima pela violência que sofre, especialmente nos casos de violência sexual. Expressões como "mas fazendo isso, ela que pediu", "ela estava bebendo" ou qualquer fala que indicasse que a vítima tem algum tipo de responsabilização na violência sofrida foi contabilizada.
- Soluções que ferem direitos e tiram a liberdade:* indicação de soluções que restringem a liberdade em prol da segurança. Por exemplo, o romance gráfico descreve que as medidas de proteção às mulheres na época da atuação do estripador eram todas restritivas ao direito à liberdade, como evitar sair de casa à noite e ir para a escola em um ônibus só de meninas. Qualquer fala que indicasse soluções que restringisse as mulheres aos seus direitos era contabilizada.

2.10. Acordo entre observadores

Vinte e cinco Unidades Dialógicas (30% do total) foram sorteadas para a realização do acordo entre os observadores. A amostra foi analisada pela primeira pesquisadora e um observador independente, que foi previamente instruído em relação às funções narrativas e às

medidas comportamentais. Para o cálculo do acordo, as Unidades Temáticas foram analisadas separadamente. Cada discordância entre os juízes das ocorrências das medidas comportamentais era considerado um desacordo. Para avaliação das funções narrativas, foi apresentada a função abordada na Unidade Dialógica e solicitada a avaliação se o grupo havia alcançado a função durante aquela Unidade. Se houvesse divergência de avaliação era contabilizada uma discordância. O índice de concordância, [calculada pela fórmula (concordâncias / concordâncias + discordâncias) X 100] foi de 100% para as funções narrativas atingidas, 81% para as descrições acuradas de violência, 91% para descrições de contingências que sustentam violência, 88% para soluções coletivas que não ferem direitos e promovem segurança e 100% para soluções que infringem direitos.

3. Resultados

3.1 Análises das relações funcionais entre a VI (LuDiCa) e as medidas comportamentais.

3.1.1 Identificação de violências e descrição de contingências

A Figura 1 apresenta a frequência das respostas de descrever situações de violência de gênero e descrições das contingências que explicam a violência, na linha de base (sondas do repertório prévio com as "tirinhas"), durante a implementação da LuDiCa e na manutenção (retorno às sondas). As participantes dos três grupos descreveram corretamente as situações de violência contra mulheres logo na Linha de Base, quando foi sondado seu repertório prévio usando as tirinhas. Já a descrição de contingências que dão suporte à violência quase não ocorreu (uma descrição única nos Grupos 2 e 3). Durante a intervenção, o Grupo 1 apresentou variação na resposta de descrição da situação (com unidades temáticas evocando cinco descrições de violência de gênero e outras sem evocar nenhuma) e surgimento de descrições de contingências

que explicam a violência. No processo de manutenção e generalização, diminuíram as descrições mais detalhadas das contingências, mantendo-se majoritariamente em uma descrição única e concisa sobre a tirinha apresentada. O Grupo 2 apresentou uma frequência maior de descrições de violência de gênero e de contingências que as sustentam durante a Intervenção do que na Linha de Base, aumento este que se manteve na fase de manutenção e generalização. O Grupo 3 apresentou respostas na linha de base entre nenhuma e três descrições de situações de violência por unidade temática e somente uma descrição da contingência por trás dessa violência. Ao iniciar a mediação de leitura do romance gráfico com a metodologia LuDiCa, aumentou significativamente a descrição das situações e das contingências que dão apoio a essa violência, resultado que se manteve na fase de manutenção e generalização. Para os três grupos, as interações na Linha de Base tenderam a ser mais descritivas das violências e menos explicativas (por exemplo, "um homem falar 'você é a primeira mulher que me fez rir' é uma frase muito estranha"), ocorrendo o contrário após a introdução LuDiCa (especialmente com o avanço dos encontros e o aprofundamento na história), com as participantes passando a refletir mais sobre as contingências que explicam essas violências, além da mera descrição (por exemplo, "é muito sobre uma construção social do papel da mulher. Ela se sente especial, porque ele está dando atenção para ela, e acaba ficando com ele por isso, não por gostar dele").

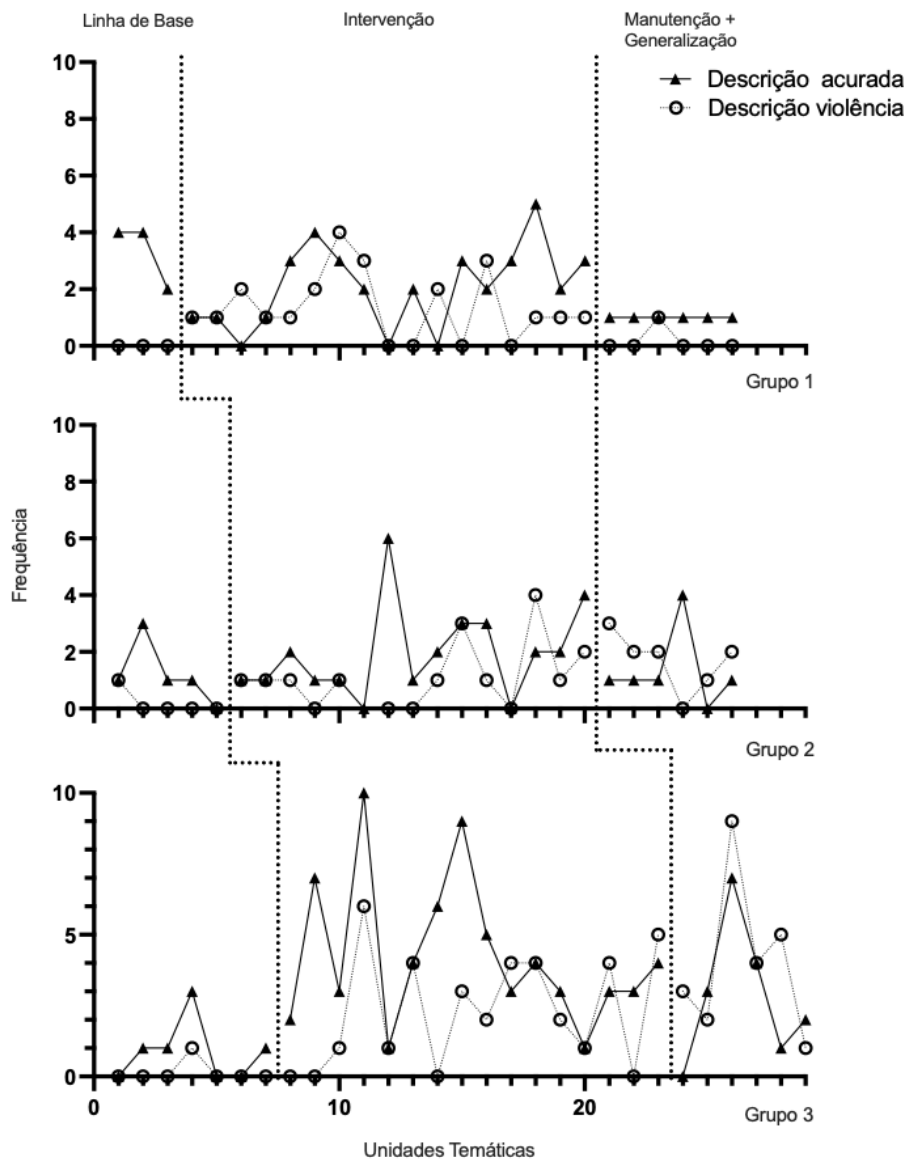


Figura 2

Ocorrência de descrições acuradas de violência de gênero e das contingências explicativas ao longo de toda intervenção

Tabela 4

Efeito Tau-U das variáveis dependente Descrição Acurada da Violência e Descrição de Contingência que Sustentam a Violência

Variáveis Dependentes	Comparação	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Total
<i>Descrição acurada da violência</i>	<i>LB x Int.</i>	-0,17	-0,29	-0,16	-0,20
	<i>LB x Man.</i>	-0,11	-0,60	-0,28	-0,34
<i>Descrição de contingências que sustentam a violência</i>	<i>LB x Int.</i>	0,76	0,55	0,68	0,66
	<i>LB x Man.</i>	0,16	0,76	0,97	0,67

O Tau-U é uma medida estatística utilizada para avaliar a associação entre duas variáveis em um determinado período. Essa ferramenta é comumente utilizada em estudo de sujeito único devido a sua sensibilidade à detecção de mudanças temporais e robustez para correção de outliers (Parker, Vannest, Davis, & Sauber, 2011). A Tabela 4 apresenta o efeito da análise de Tau-U de leve impacto da intervenção LuDiCa sobre variáveis de Descrição acurada de violência e grande impacto na Descrição de Contingências que Sustentam a Violência. Isso ocorreu devido a um processo de substituição de uma variável pela outra, ao longo do processo de intervenção, em que Descrições de Contingências que Sustentam as Violências passaram a ser notadas e reportadas. Isso significa que a intervenção foi efetiva em promover compreensão profunda sobre as contingências que dão suporte para essas violências ocorrerem.

3.1.2 Soluções coletivas

A Figura 2 apresenta a ocorrência de construções coletivas positivas (indicação de soluções que aumenta a segurança e não fere direitos, convites para construção coletiva e descrições de ambientes seguros) e restritivas (culpabilização da vítima e indicação de soluções

que restringe a liberdade e fere direitos) ao longo de todo processo. Os três grupos apresentaram construções restritivas na linha de base que, ao longo da intervenção, foram reduzindo em frequência e dando espaço a construções positivas. Essas construções restritivas se relacionavam a julgar as vítimas segundo as expectativas sociais (ao ver um quadro em que homens chamam uma menina de rodada por estar conversando com um homem, as participantes disseram que só dava para ter certeza se ela era mesmo rodada se convivessem com ela) e responsabilizar a vítima pelo que sente (como visto em um quadro sobre a solidão de uma mulher gorda por estar em uma posição ruim da prateleira do amor, em que o grupo relatou que ela precisava ser mais segura). Na fase de manutenção e generalização, o Grupo 1 apresentou soluções coletivas para todas as tirinhas apresentadas e fizeram convites para construir conjuntamente. Houve também a evocação de uma fala que centra o problema na vítima, em que foi dito que pessoas que estão em relacionamentos tóxicos escolhem não ver os problemas da situação. O Grupo 2 e 3 não apresentaram construções restritivas na fase de manutenção e generalização, somente construções positivas. Como construções positivas, as participantes falaram sobre a importância de dialogarem sobre tópicos sensíveis como abuso e outras violências de gênero como forma de prevenção para mulheres, e descreveram como ambientes seguros leis que protegem as mulheres e o apoio materno ou de outras mulheres.

Figura 3

Ocorrência de criações de Soluções Positivas (compostas pelas VDs Solução que aumenta segurança e não fere direitos, Convites para criar soluções coletivas e Descrições de ambientes seguros), em tons de verde, e Soluções Restritivas (Culpabilização da vítima e Soluções que

ferem direitos e tiram a liberdade), em tons de vermelho, comparativos dos três sujeitos ao longo de todo processo de pesquisa.

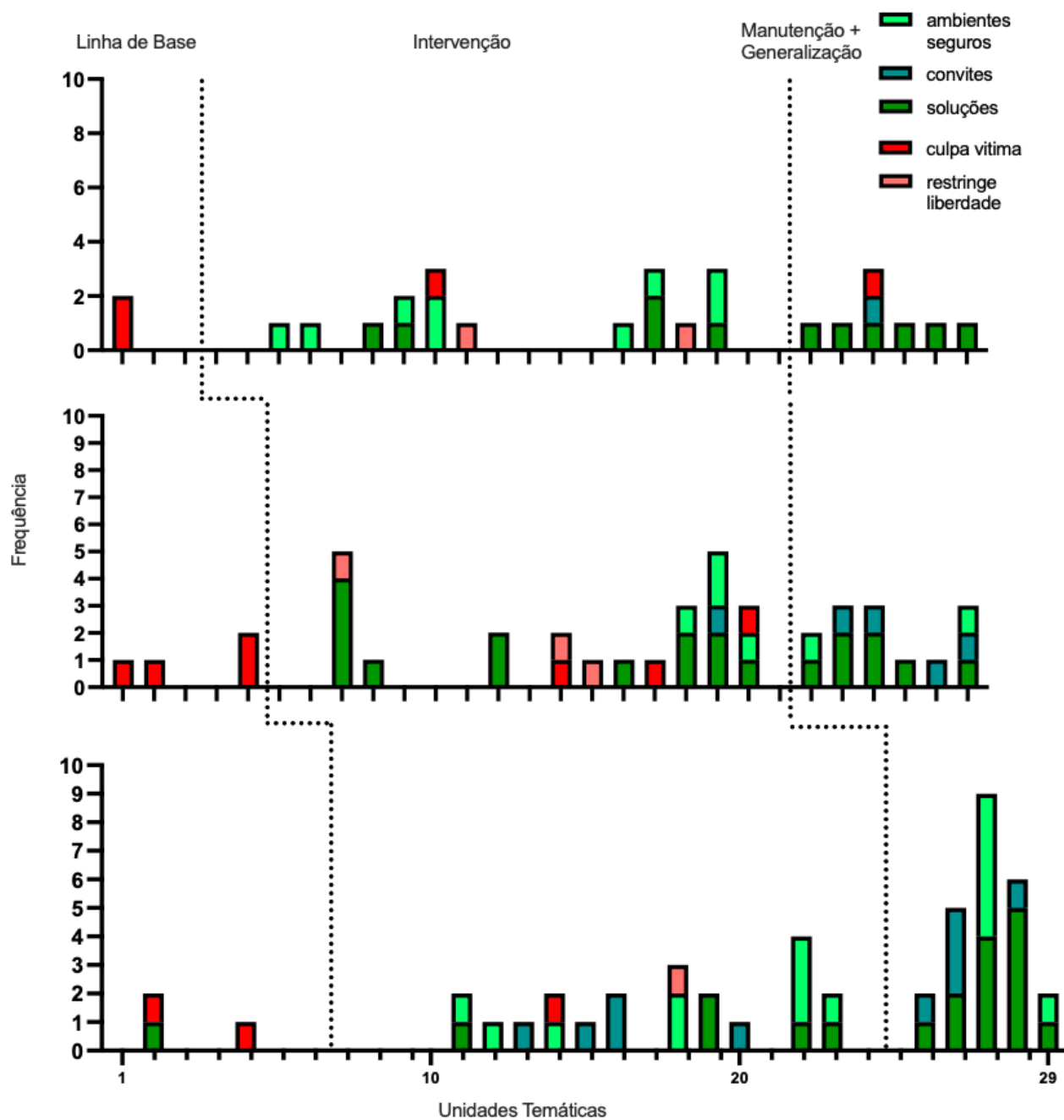


Tabela 5

Efeito Tau-U das variáveis dependentes de elaboração de Soluções Positivas e Restritivas

Variáveis Dependentes	Comparação	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Total
<i>Soluções positivas</i>	<i>LB x Int.</i>	0,47	0,46	0,59	0,51
	<i>LB x Man.</i>	1	1	0,80	0,92
<i>Soluções restritivas</i>	<i>LB x Int.</i>	-0,17	-0,29	-0,16	-0,20
	<i>LB x Man.</i>	-0,11	-0,60	-0,28	-0,34

Conforme apresentado na Tabela 5, o efeito alcançado com a intervenção na variável de Soluções Positivas foi de impacto muito grande (ou seja, a LuDiCa foi efetiva em promover elaboração de soluções que não restringem direitos e promovem a liberdade). A análise de Tau-U sinaliza, ainda, inversão da direção no caso das Soluções Restritivas. O resultado aparece como negativo por motivo de ter reduzido a frequência das soluções restritivas a partir da introdução da LuDiCa, conforme hipotetizado.

3.1.3 Funções narrativas

A Tabela 5 mostra as funções narrativas trabalhadas durante a LuDiCa e quais foram alcançadas por cada grupo (as descrições detalhadas de cada função narrativa podem ser consultadas na seção anterior: análise de obra). Alcançar uma função narrativa significa que as integrantes do grupo, juntas, mostraram compreender a função narrativa por meio de suas falas, no sentido de que uma pessoa que as ouvisse conversando e soubesse do contexto seria afetada, enquanto ouvinte, pela mesma unidade temática (lembrando que não se trata de unidades topográficas, e sim temáticas, ou seja, a maneira como as participantes expressam a função narrativa pode ser muito diferente do que está no texto). A Tabela 5 mostra três exemplos de funções narrativas expressas no texto e como foram expressas pelas participantes dos grupos, a título de ilustração. Em relação às funções narrativas, o Grupo 1 e 2 não alcançaram a função

denominada "aceitar migalhas para ser escolhida" em nenhum momento do processo. Quando convidadas a dialogar sobre o tema, as participantes relataram não identificar o problema da situação ou responsabilizavam a mulher, desconsiderando a contingência social envolvida. Por exemplo, ao conversar sobre uma tirinha que mostra uma mulher gorda frustrada por não se sentir à altura de um parceiro de beleza padrão, as participantes afirmaram que esse era um problema de insegurança e não de machismo. Avalia-se que a tirinha utilizada pode não ter transmitido a mensagem esperada, pois cada grupo compartilhou diferentes leituras da situação. Supõe-se que o recorte da cena retratada não apresentou elementos suficientes para a análise profunda da tirinha. Na leitura dialogada, foram feitos convites para compreendermos o motivo de Una se relacionar com parceiros violentos ou que não a interessavam, um grupo discordou de que ela não gostava dele, pois havia uma frase na narrativa que dizia "tudo parecia muito bem". Observa-se, nessa situação, que foi feita uma análise literal da fala de Una, desconsiderando o contexto de violência em que a personagem se encontrava.

Apesar da alta ocorrência de construções coletivas, as participantes do Grupo 1 não alcançaram a função narrativa de "buscar apoio em outras mulheres" na fase de generalização. Ao serem apresentadas a uma tirinha em que uma mulher defende a outra de assédio, as participantes focaram em compartilhar possíveis soluções para essa situação de maneira individualizada. Ou seja, como cada uma se defenderia dessa situação sem contar com o apoio de outra pessoa.

Foram analisadas quais funções promoveram mais descrições de contingências de violência pelo grupo: buscar apoio em outras mulheres, cultura do estupro e violência sexual. Em relação à construção de soluções positivas, as funções de buscar apoio em outras mulheres e violência sexual foram as que mais evocaram essas indicações. Supõe-se que, quanto mais se fala

sobre violência de gênero em violências sexuais e no suporte encontrado em outras mulheres, mais se constroem coletivamente soluções positivas.

Em contrapartida, as funções narrativas sobre cultura do estupro e o que se espera das mulheres foram as que mais evocaram soluções restritivas. Para exemplificar, as participantes relataram que, para se encaixar em um algum lugar, as mulheres realmente precisam cuidar da reputação delas. Na parte do romance gráfico em que a polícia está dando sugestões para as meninas não saírem de casa por conta dos casos de assassinatos, as participantes concordaram que era o melhor a ser feito para evitar o risco. Da mesma forma, concordaram com a atitude da professora que retira Una de uma atividade coletiva na escola por todos estarem falando mal dela. Apesar dos três grupos terem descrito diversas contingências de violência na cultura de estupro, ainda assim, ocorreram muitas soluções restritivas quando foi abordada esta função específica.

Tabela 5

Funções narrativas trabalhadas e alcançadas por cada grupo

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
O que se espera das mulheres	✓	✓	✓
Violência no relacionamento	✓	✓	✓
Silenciamento	✓	✓	✓
Respostas emocionais relacionadas à violência de gênero	✓	✓	✓
Aceitar migalhas	×	×	✓
Cultura do estupro	✓	✓	✓

Buscar apoio em outras mulheres	✓	×	✓
Violência sexual	✓	✓	✓

4. Discussão

Este estudo teve como objetivo explorar o potencial do método LuDiCa para promover compreensão profunda das contingências de violência e fomentar soluções coletivas para desafios relacionados à violência de gênero. A intervenção foi efetiva em aumentar o diálogo sobre as contingências não explicitadas de violência, na construção coletiva de soluções que não restringem direitos e na redução de soluções que restringem direitos para os três grupos. Os três grupos pontuaram a falta de contexto para discutir esse tema em suas vidas, constatação em consonância com o que a literatura sinaliza sobre a oportunidade restrita de ensino sexual informal para meninas autistas (Hancock, 2017). A realização de uma intervenção em grupo com foco na promoção de diálogo foi efetiva em aumentar as trocas de experiências entre as participantes, mesmo sendo a sexualidade um tema tabu e fora do cotidiano desse público. Dessa forma, avalia-se que intervenções que visam a promoção de diálogo sobre temáticas desafiadoras devem levar em consideração a metodologia LuDiCa pela sua efetividade na promoção de compartilhamentos e no seu caráter de modelagem do comportamento verbal pelas consequências.

É importante abordar que essa intervenção foi adaptada para o contexto virtual e que esse ambiente pode ter inibido a oportunidade de outras interações e manifestações de apoio mútuo, que são características da interação presencial. O ambiente virtual não possibilita a troca de um olhar cúmplice, manifestações de afeto não verbais e pode tornar o diálogo mais artificial (ao ter

que esperar a sua vez para falar, por exemplo). Por isso, considera-se que a reprodução desse estudo feito em ambiente presencial pode influenciar nos resultados de forma positiva.

A seguir, será feita uma discussão dos resultados apresentados, entremeando-os com exemplos das interações entre as adolescentes, tomando como âncoras as funções narrativas que guiaram a discussão, assim como temas cruciais levantados pelas participantes durante os encontros.

Descrição das contingências de violências

Como mencionado anteriormente, o primeiro passo para mudar relações que privilegiam um gênero a outro é por meio do letramento de gênero (Zanello, 2022). É necessário ter clareza de como essas contingências são organizadas para ser possível rompê-las. As participantes dos três grupos iniciaram já fazendo descrições acuradas de situações de violência na Linha de Base, característica que se manteve ao longo de todas as fases do estudo. Esse padrão de descrição sinaliza que as meninas já vivenciam violências e conseguem identificá-las, apesar da baixa idade. Com o início da intervenção, foi observado surgimento de descrições de contingências que sustentam essas situações de violência de gênero, ou seja, a LuDiCa foi efetiva em promover compreensão profunda sobre as estruturas que mantêm as relações de poder entre homens e mulheres. É evidente que, à medida que avançamos na obra, as instâncias de descrição de contingências profundas aumentam. Na fase de manutenção, o Grupo 2 e 3 continuaram descrevendo contingências que sustentam a violência de gênero, mostrando que a intervenção promoveu a compreensão profunda destes arranjos mesmo com a retirada da mediação e mudança de estímulo. O Grupo 1 apresentou ganhos durante a fase de intervenção, mas que não se mantiveram na fase de manutenção e generalização. Avalia-se que a menor ocorrência de

descrições nessa fase tenha se apresentado devido a problemas técnicos com a internet de uma das participantes, o que gerou baixo engajamento na participação da parceira. Com esses resultados, é possível concluir que a LuDiCa teve efeito de melhorar a compreensão das meninas em descrever situações de violência e descrever as contingências que as sustentam. Para tornar mais clara a compreensão, foram apresentados exemplos das contingências compartilhadas pelas meninas. As participantes do Grupo 3 perceberam como o mesmo peso pode ter duas medidas em uma sociedade patriarcal: se uma mulher é ciumenta, ela é chamada de louca, se o homem é ciumento, é aceitável. Outro exemplo de como, durante a LuDiCa, foram emergindo diversas descrições das contingências que são a base da violência de gênero foi o de uma participante que comentou sobre o silenciamento que vítimas de abuso sofrem, em um trecho do romance gráfico em que apresentava um pesadelo da personagem sendo perseguida em uma floresta:

"Teve um vídeo que eu vi que falou assim: ah, você prefere, na floresta, encontrar um grupo de homens ou encontrar um urso? Muitas mulheres falaram que preferiam encontrar um urso, porque se um homem fizesse alguma coisa com ela, elas iam ser julgadas e ninguém ia acreditar nelas. Mas se fosse um urso, se ela fosse, por exemplo, rasgada pelo urso, morrida pelo urso, se ela não tivesse morrido, as pessoas iam acreditar que realmente foi um urso. Esses dias atrás eu assisti um documentário em que uma mulher foi sequestrada e ela tinha sido abusada sexualmente e quando ela foi denunciar isso, fizeram aquele exame e tinha dado que ela realmente tinha sido violentada, só que aí a polícia não acreditou nela, mesmo com os resultados do exame dizendo que ela foi violentada sexualmente, a polícia simplesmente não quis acreditar nela."

Outra contingência descrita com muita clareza pelas participantes durante a LuDiCa foi a de que a consequência recebida para mulheres que denunciam violência é o descrédito. Foi

comentado em um dos grupos que a participante se identificava com o que a personagem Una vivia, pois:

"Eu acho que é muito identificável, né? Para quem é uma pessoa autista com diagnóstico tardio, principalmente garotas, né? Porque você tem tudo o que precisa ter. Aí quando você vai explicar como é o seu ver, é sempre tratado como se fosse um drama ou então algum tipo de problema em ver a realidade, sabe?"

Nesse relato, percebe-se que o mais comum é a desconsideração do relato da mulher, questionando-se, primeiramente, se ela está fazendo uma interpretação correspondente à realidade em vez de tomar como possibilidade o seu relato.

O romance gráfico descreve o caso do estripador de Yorkshire, um assassino em série da década de 70 na Inglaterra, que ocorre ao mesmo tempo em que Una cresce. Ao descrever a história dos assassinatos, a autora mostra como a polícia falhou na busca pelo criminoso por considerar que as primeiras vítimas eram prostitutas. As participantes notaram a diferença dada à importância do caso para a polícia quando se consideravam as vítimas prostitutas:

"As pessoas também não se importavam muito pela questão de que a maioria das vítimas eram prostitutas. Então, as pessoas ficavam tipo assim, 'ah, pra quê? Para que saber sobre ela? Ela não faz um trabalho digno'. É mais ou menos assim. Dá para ver que a polícia trata como se garotas de programa também não fossem pessoas inocentes. Porque não teve o consentimento delas, obviamente. Ainda tem o caso do jornal falar que o motivo é porque ele odeia prostituta... Não, é porque as prostitutas estão à margem da sociedade! Então é mais fácil ele acabar cometendo esse crime com essas pessoas que ficam na margem da sociedade do que com pessoas de bem, entre aspas, como eles dizem no jornal, né?"

As participantes, portanto, descreveram com muita acurácia a seguinte contingência: o valor da vida de uma mulher tem relação com o desempenho do papel social que lhe é ditado. Com suporte da mediação e da narrativa, as participantes identificaram que:

"Eu percebi que tem algumas páginas atrás a Una sendo chamada de vadia... Eles estão conectando a história dela com os assassinatos, é óbvio, mas... Essa parte das vadias.

Tipo, qualquer mulher que estava sendo assassinada, eles consideravam uma vadia. Porque elas bebiam, ou por motivos bestas. É como se eles tivessem chamando de vadia toda mulher que é odiada. É uma forma de diminuir a mulher."

Sendo as vítimas prostitutas ou não, no fim, todas se tornam vadias. Assim como a Una foi chamada de vadia, ao longo de toda a sua história, por não ter agido conforme se esperava dela. O descrédito da denúncia pode ocorrer tanto por não acreditarem ser verdade, como nos exemplos acima, ou por meio da naturalização do ato do agressor. Uma das participantes relatou: "eu já passei por situação parecida com a da Una. As pessoas sempre vão tentar minimizar o que você está sentindo. E normalizar porque, para a pessoa que fez, é algo rotineiro. Ele é assim mesmo." As participantes do Grupo 3 compartilharam um caso de violência sexual⁴ em que o agressor foi inocentado após seu advogado de defesa relatar que não havia como o réu saber, durante o ato sexual, que a jovem não estava em condição de consentir a relação, não existindo, portanto, intenção de estuprar. Esse show de horrores rendeu o termo "estupro culposo" e mostra como é fácil naturalizar a violência sexual e tirar a responsabilidade dos homens ao cometer crimes contra as mulheres. Não ser levada a sério e ter o ato de violência naturalizado desencoraja mulheres a continuar denunciando violência. As poucas que chegam a denunciar, com frequência, se deparam com a humilhação de ser questionada e com a impunidade. Por meio do diálogo, os grupos descreveram como as contingências relacionadas à denúncia de violência são estabelecidas de uma forma em que a ação da mulher é punida ou colocada em extinção e, por meio dessas estratégias de descrédito e **naturalização** do ato de violência, é favorecido o silenciamento das vítimas.

As participantes de um grupo pontuaram como a variável **dinheiro** pode dificultar ainda mais as denúncias. Ao dar como exemplo o caso de Dan Schneider (produtor de séries infantis da

⁴Caso Mariana Ferrer: denúncia do empresário André de Camargo Aranha por estupro de vulnerável, em que a vítima alegava ter sido drogada e, por este motivo, não tinha condições de consentir com o ato sexual. O caso ganhou repercussão após a vítima ter sido tratada de forma violenta e acusatória pelos advogados de defesa. Em 2021, foi sancionada a Lei Federal n.º 14.425, também chamada Lei Mariana Ferrer, com o objetivo de coibir o desrespeito contra as vítimas.

Nickelodeon) e Brian Peck (treinador de diálogo na mesma emissora) ter assediado e abusado sexualmente dos atores mirins por anos e isso ter sido mantido em sigilo ao público e os violentadores permanecerem impunes por décadas. Esse exemplo evidencia como é dada maior importância ao lucro envolvido nas produções audiovisuais do que ao bem estar das vítimas.

Trauma e violência sexual

Em um momento, a história da Una se direciona para os impactos do trauma que a violência sexual deixou na vida da personagem: o desempenho escolar de Una cai, ela começa a se isolar, a ter medo de dormir e de frequentar espaços públicos. Os adultos ao redor dela não identificam o que está causando essa mudança no seu comportamento, mas tentam tomar providências para inibir sua nova forma de agir. Uma das participantes relatou:

"acaba que quando elas passam por esse trauma, elas podem ficar mais reativas, podem ficar... Até esses comportamentos podem ser vistos como delinquentes. Elas podem ficar mais agressivas ou elas podem ficar mais retraídas. Ou podem ficar, tipo assim, também podem falar assim, 'ah, ela tá muito rebelde, ela tá, tipo, ah, odeia todo mundo', essas coisas. Então, os adultos, eles vão ser desculpados, e as crianças, não. Sobre essas formas de reagir a uma situação como essa, uma vez eu li um livro, e tinha uma mulher no livro, né, que ela passou por essa mesma violência, e aí ela tinha muitas experiências sexuais, porque ela disse que fazendo isso ela tinha mais controle do corpo dela, enquanto outras pessoas poderiam só não ter nenhum tipo de contato. Então, a forma como a pessoa reage é muito individual. E eu acho que muita gente pode falar assim: 'nossa, ela está bem pra estar fazendo essas coisas, mas, na verdade, não, a gente não pode julgar o sentimento da pessoa, porque a pessoa vai reagir de uma forma, não quer dizer que não doa, não quer dizer que aquilo não machuca, que ela não esteja traumatizada."

As participantes compreendem como a mudança no comportamento de Una é uma resposta à violência a que foi submetida. Além disso, identificam que a forma em que ela está sendo interpretada influencia a falta de apoio que tem recebido dos adultos em sua vida. Uma participante pontua que é "normal você enlouquecer depois disso. E, se você enlouquece, o seu discurso se torna falho e tudo é minimizado, porque você é uma doida." Aqui os grupos identificam a contingência envolvida, mais uma vez, em desvalorizar a vítima e como essa sequência de invalidação gera um descrédito ainda maior e, conseqüentemente, mais invalidação. Esse mesmo arranjo de desvalorização e invalidação é notado por autistas adultos em relação a como são percebidos pelos seus pares neurotípicos, em Pearson (2023).

Reagir a violência com os recursos que se tem não é tolerado pela sociedade e, por isso, a mulher deve ser punida. Em contrapartida, mulheres vítimas de violência que conseguem seguir suas vidas com menos reações que incomodam a sociedade são vistas como guerreiras. Em outros termos, passar por uma violência sexual sem incomodar os outros é tolerado pela sociedade e, em alguns momentos, até reforçado. Uma participante problematiza como esse título de guerreira é uma estratégia para direcionar o comportamento das mulheres a passividade, mesmo sendo por cima do sofrimento delas:

"Não é como se as outras vítimas não tivessem se esforçado o suficiente! O melhor era não ter acontecido! Era melhor as pessoas nem falarem que ela era uma guerreira. Se for para falar alguma coisa assim, nem fale! 'Ai, nossa, você é uma guerreira, você é...'. É a mesma coisa que falar 'nossa, você mereceu isso, você passou por isso e virou uma pessoa melhor.'".

Aceitar migalhas em relacionamentos afetivos

Quando a reputação de vadia de Una se espalha por toda a escola, ela decide arranjar um namorado rapidamente para tentar diminuir os comentários indesejados sobre sua vida sexual. Não importava quem seria o parceiro, pois o que ela precisava era da validação de um homem e do status de ter um namorado. Para isso, ela se envolve com um menino que ela descreve como repulsivo. As participantes analisam que Una toma essa decisão com base nas suas experiências de bullying e não por conta do seu sentimento pelo novo namorado. Uma delas diz:

"É essa construção social que a gente vive, né? Ela está fazendo aquilo que se espera que uma mulher vá fazer. É melhor ter um namorado do que ser uma vadia. Ter um namorado parece ser um dos momentos mais importantes na vida de uma mulher, tipo, na televisão, nas músicas, a nossa vida é centralizada só por isso."

Na situação em que Una se encontrava, ser vista com um namorado a permitiria evitar contato com aversivos. Naquele momento, essa parecia ser a opção mais segura para ela entre as contingências que lhe eram oferecidas. Afinal, a sua reputação estava escorrendo pelo ralo e ela precisava salvá-la. Em uma cena em que Una está se equilibrando em uma corda bamba por cima de um mar de xingamentos, uma participante disse:

"É difícil demais. Ela pode acabar caindo na imagem de que ela é uma puta, que ela é uma safada, essas coisas. Ela também pode cair no mundo normal, só que ela está tendo que batalhar pra isso não acontecer, pra não acontecer dela cair no mar de palavras."

Evidencia-se que Una precisa ficar atenta aos seus comportamentos para evitar ser classificada como uma vadia, pois ser vadia a encaminharia para mais contato com consequências aversivas do que só ser mulher. Esse é um dos momentos em que as participantes identificam que mulheres se envolvem em relacionamentos românticos não somente por gostar do parceiro, mas por questões identitárias. Zanello (2008) mostra como a identidade da mulher é definida por ser

escolhida por um homem. No exemplo de Una, ter um namorado (mesmo que repulsivo) a garantiria mais valor para a sociedade do que ser uma vadia. Os grupos debateram sobre como essa contingência favorece que mulheres permaneçam em relacionamentos que não são saudáveis.

Mobilizadas pela discussão sobre ser considerada vadia, os grupos compartilharam a sensação de que nada que elas façam vai ser considerado correto. Uma participante contou um episódio em sua escola em que se sentiu assediada por um colega de sala ao comentar sobre seu decote. Nos dias seguintes, decidiu usar roupas largas para cobrir seu corpo e relatou que, agora, está sendo chamada de lésbica. Quando você é mulher,

"parece que não tem escapatório, que ela não tem como... Então esse negócio dela estar sendo perseguida por alguém que ela não consegue ver. É, tipo, como se ela não conseguisse fugir das coisas que estão acabando com a vida dela, sabe? Tipo, eu acho muito instável essas definições, porque também vai de cada âmbito social, né? Mas no final você é julgada por tudo, tipo, não tem pra onde fugir."

Essa sensação de inadequação também é relatada com frequência por pessoas autistas (Pearson et al., 2022), o que mostra a sobreposição desses fatores sociais na relação das mulheres autistas com a sociedade. Por mais que haja interesse em se sentir parte de um grupo social e sejam feitas tentativas de aproximação, o resultado é um histórico de insucessos que geram a sensação de que nunca se chega. Alkhaldi et al. (2021) demonstrou que neurotípicos tendem a avaliar de forma desfavorável pessoas autistas logo na primeira impressão, ou seja, restringindo a oportunidade de interação antes mesmo de se conhecerem. Considerando essa receptividade, há real oportunidade de uma menina autista ser bem recebida em um grupo de neurotípicos? Ou a consequência será sempre a depreciação? Fica clara aqui a existência de uma contingência que favorece a receptividade de pessoas com características observadas em neurotípicos e um outro arranjo (que resulta em depreciação ou exclusão) para pessoas com características autísticas.

Na lógica do patriarcado, a vítima é responsável pela violência sofrida, logo ela é responsável por adotar medidas de proteção. O romance gráfico descreve esse raciocínio de forma clara ao mostrar a polícia sugerindo que as meninas não saíssem mais de casa e começassem a ir de ônibus exclusivo para a escola como forma de evitarem ser vítimas do assassino em série. As participantes conseguiram descrever a contingência que sustenta a violência nessa situação, salientando que essas estratégias isolam as mulheres e não são úteis em realmente resolver o problema. Com essa sobreposição da identidade de ser mulher e ser uma pessoa com deficiência, avalia-se arranjo semelhante em que se busca adequação a padrões de comportamento neurotípicos e uma contínua ameaça para quem agir fora do esperado.

Violência no relacionamento

Uma das funções narrativas que mais gerou descrições de contingências foi a de violência em relacionamentos românticos. Os grupos disseram ser mais fácil identificar essas situações por já estar sendo bastante discutido nas mídias. Por conta da alta frequência de feminicídio no país, observa-se um trabalho de conscientização das diferentes formas de violência que uma mulher pode vivenciar em uma relação (Silva, 2024). As participantes descreveram formas em que os homens demonstram tratar mulheres como propriedade (se sentindo no direito de obrigá-la a situações), a tarefa da mulher de manter a paz na relação e as manipulações para conseguir o que se quer, sem considerar o interesse da parceira. Em contrapartida, falaram também da influência da mídia em naturalizar essas violências como experiências comuns na vida de um casal.

"Eu acho que na mídia é muito representado, assim, é muito romantizado relacionamentos tóxicos, assim, de pessoas que gritam, manipulam. Eu acho que isso influencia também na visão de muitas pessoas que vão se relacionar, sabe? Eu acho que...

Principalmente em adolescente, eu acho que pode acontecer muito, porque nós não temos uma visão muito ampla, não temos muita experiência e acaba que podemos entrar numa relação tóxica sem perceber. "

As meninas buscaram identificar contingências que dão suporte à perpetuação de violências em relacionamentos românticos e pontuaram elementos que relacionam a identidade de gênero e o autismo: (1) estratégia de camuflagem, (2) distorção na percepção do próprio valor e (3) dificuldade na comunicação dos sentimentos. Ao avaliar uma tirinha selecionada com a intenção de promover diálogo sobre a função narrativa de "aceitar migalhas para ser escolhida", uma das participantes pontuou que a mulher parecia adotar características do parceiro romântico. Tal comentário deu início a um debate sobre a dificuldade de se envolver sem perder a sua individualidade, pois as meninas notam que, ao se relacionarem com novas pessoas, começam a adotar seus maneirismos, interesses e ações a ponto de não ficarem atentas mais às suas próprias necessidades. Nessa situação, as meninas adotam características específicas na tentativa de serem mais reforçadoras para os parceiros e, assim, conseguirem se manter nesse relacionamento. Tal vivência é corroborada em outros estudos (Mandy, 2019; Alaghband-Rad, 2023) que justificam o uso dessa estratégia por mulheres autistas em busca de conexão com outras pessoas e sinalizam uma correlação entre maior adoção de estratégia de camuflagem e piores índices de bem-estar. Ou seja, há um processo de reforçamento imediato (manutenção do relacionamento) e prejuízos, a longo prazo, que sustentam essa prática. Considerando a baixa receptividade de neurotípicos a pessoas autistas (Alkhaldi et al., 2021), há pouca possibilidade de variação comportamental para meninas autistas: para ser aceita no grupo, você precisa se parecer com o grupo, ou seja, se camuflar. Outro fator discutido pelas participantes foi a percepção das mulheres do próprio valor. Em nossa sociedade, o valor da mulher é definido por homens, e, quanto mais próximo do padrão estético, melhor a sua posição (Zanello, 2018). O autismo entra como um elemento

significativo para a redução de valor dessa mulher na avaliação dos homens, afinal, é uma característica de divergência daquilo que se é tido como esperado. Parafraseando uma das participantes: "a gente aceita o amor que a gente acha que merece". Dentro dessa lógica, a neurodivergência reduz o valor das meninas na percepção social e as coloca em uma situação de vulnerabilidade ao aceitarem "amores" que estão ao seu alcance. As participantes falaram sobre os desafios de se comunicarem com pessoas neurotípicas devido à falta de clareza em suas intenções. Enquanto pessoas autistas preferem uma comunicação direta e com foco no conteúdo da fala, neurotípicos tendem a se comunicar usando sinais não verbais que não necessariamente são correspondentes ao conteúdo do seu relato. Essa diferença em estilos de comunicação dificulta a compreensão entre os diferentes perfis neurológicos (Cook et al., 2023). Para exemplificar, as meninas contaram que não notaram quando seus parceiros estavam chateados com algo porque eles não falaram abertamente sobre isso, o que gerou conflito e ressentimento entre o casal. Adota-se aqui a visão de que uma interação só ocorre na construção conjunta entre duas pessoas, entretanto, é importante salientar que, no diálogo com as outras meninas, as participantes pontuaram essa falha na comunicação ocasionada por uma inabilidade da pessoa autista. Essa visão patologizante do autismo fortalece uma relação de poder em que neurotípicos são o padrão e o que diverge deles é marcado como uma falta. Essa percepção de que está falhando faz com que as meninas se sintam responsáveis por manter a comunicação fluindo, as colocando vigilantes em relação às suas ações por receio de perder suas conexões sociais. A fala de uma das participantes retrata bem essa situação: "Eu não consigo identificar que ele não está bem. Aí eu fico o tempo todo perguntando "você tá bem? Está tudo bem? Eu fiz alguma coisa?".

Por meio da intervenção de LuDiCa, as participantes descreveram contingências que dão suporte para que violências em relacionamento sejam mantidas. Elas identificaram arranjos que a desfavorecem por serem mulheres e por serem autistas.

Apoio mútuo entre meninas

Outra função narrativa que promoveu muitas descrições de contingências de violências no Grupo 1 e Grupo 2 foi a de buscar outras mulheres como fonte de apoio. Foram feitos convites ao diálogo em situações em que Una é humilhada publicamente na frente de outras meninas e não recebe nenhum apoio delas. Nesse contexto, as participantes descreveram barreiras que dificultam dar e acessar esse apoio em suas vidas:

"Acho que elas não ajudam para elas não também serem... Como é que se chama?

Também serem vítimas, também serem alvos das chacotas dos outros. Para também não serem xingadas, chamadas de vadia, etc. Elas não ajudam para não ter a própria reputação arruinada, basicamente."

Com o decorrer da intervenção, as participantes foram percebendo como a estrutura do patriarcado coloca as mulheres em posição de rivalidade e que a aproximação e o apoio mútuo é uma forma de romper com essa contingência que as desfavorece.

Na direção de proteger outras mulheres, as participantes falaram sobre como o medo de ser exposta e o receio de não ser bem recebida pela outra se tornam barreiras nessa aproximação. Ou seja, há interesse em aproximar, mas há receio que essa aproximação traga consequências aversivas. Uma sugestão para contornar essa barreira foi construída pelo grupo 1, de tentar fazer movimentos nessa direção em um grupo de "esquisitas", pois a chance de elas receberem bem essa aproximação é maior. Essa solução vai de acordo com os dados apresentados por Struntz et

al. (2017) sobre pessoas autistas se sentirem mais confortáveis e satisfeitas em relação com outras autistas, inclusive em relações românticas.

Interseccionalidade

O romance gráfico aborda a história de violência vivida por uma personagem cis, branca, hétero e de um país desenvolvido. Por mais trágica que seja a sua experiência, Una está exposta a contingência que a colocam em uma relação de privilégio⁵ em comparação com mulheres racializadas ou com deficiências, por exemplo. As participantes da pesquisa trouxeram para o diálogo essa interseccionalidade entre gênero e deficiência como um dificultador ainda maior para relações equilibradas. Na investigação por barreiras para relacionamentos românticos, Sala (2020) identificou que autistas sentem que o estigma e o isolamento impostos a eles pela sociedade restringe suas possibilidades de interação e reforçam as deficiências. As participantes dessa pesquisa descreveram como a privação do contato social aumenta o valor reforçador para adotar comportamentos que busca ser bem vista por terceiros ou se encaixar:

"quando você é uma garota autista, você é estranha. Pelo menos na minha vivência, a minha vida inteira, eu me pudei em relação às minhas reações e à minha convivência com as pessoas. Para parecer mais encaixável, sabe? Para conseguir me encaixar. E é muito complicado isso, porque além do fato de ter que parecer menos estranha para os outros, nós mulheres temos uma percepção social maior, então a gente cai nessa de seguir padrões específicos que vão ser aceitos".

A privação de conexões sociais age como operação motivadora para se adequar às contingências sociais que, a longo prazo, prejudicam as mulheres e suas relações. Pearson (2023) analisa que a maior frequência de mascaramento e de obediência entre mulheres autistas são

⁵Entende-se como privilégio o poder, do qual a origem não é contingente ao comportamento da pessoa, somente lhe é dado de acordo com as contingências sociais (Nicolodi, 2021)

respostas a essa estigmatização vivenciada por elas. Esse desafio entre querer ser aceita pelos pares e a necessidade de ter que se adequar também foi relatado por Bargiela, Steward e Mandy (2016) na análise dos desafios vivenciados por mulheres autistas em relacionamentos românticos.

Não estão restritas de imposições as relações homoafetivas:

"Eu me identifiquei com essa parte porque eu sou lésbica, né? Exemplo, eu sou lésbica e quando eu me relaciono, é diferente quando alguns meus amigos gays se relacionam, porque para as pessoas é mais possível eles se relacionarem porque tem algum homem que manda naquilo. Aí como na minha relação não existe a figura masculina, não existe esse homem, é como se não fosse possível de acontecer".

A não validação do relacionamento entre duas mulheres também é uma forma de favorecer a heteronormatividade como o único relacionamento que será reforçado socialmente, servindo como mais uma estratégia para violência de gênero. Afinal, quem tem o poder de avaliação e validação do valor de uma mulher são os homens (como pontuado por Zanello, 2018), e relacionamentos homoafetivos não os privilegiam culturalmente, logo não serão reforçados. Considerando que mulheres autistas se identificam com orientações sexuais não heterossexuais em maior frequência do que mulheres sem diagnósticos (Beato, 2024), são aumentadas as possibilidades de serem expostas a situações de violência.

Soluções que restringem a liberdade e ferem direitos

Em oposição às demais medidas coletadas nesta pesquisa, buscou-se reduzir as soluções que restringem a liberdade e fere direitos das mulheres ao longo da intervenção. Essas são as soluções individuais que cotidianamente escutamos sobre ações que a vítima deve adotar para evitar sofrer violência e que mantém as relações de poder entre os gêneros. A intervenção foi

efetiva em reduzir a ocorrência de soluções que direcionassem para esse caminho, enquanto, em contrapartida, aumentou soluções coletivas que promovem segurança e não restringe a liberdade. Essas soluções foram mais frequentes na fase de linha de base e, posteriormente, ocorreram de forma esporádica em momentos específicos da narrativa. Na linha de base, os três grupos comentaram sobre a tirinha em que a mulher gorda demonstra sofrer por não se sentir bonita o suficiente para ser escolhida por um homem padrão. Todos pontuaram que esse era um problema individual da personagem e que ela precisava investir na autoestima dela. É necessário fazer uma reavaliação da tirinha e elaborar uma apresentação mais clara da dinâmica em que mulheres aceitam receber pouco em troca do afeto dos homens.

Aceitar migalhas para ser escolhida

O pensamento que responsabiliza a mulher pela sua falta de autoestima é uma tecnologia de gênero que fortalece o dispositivo amoroso. Ora, para ser escolhida por um homem de beleza padrão, não é só a mulher se esforçar? Afinal, só não é bonita quem não se esforça para isso. Na verdade não, existem contingências que estruturam essa relação em que o valor da mulher está relacionado com a aprovação de um homem, o que torna a beleza uma moeda de troca do reconhecimento social e aprovação, conforme a metáfora da prateleira do amor de Zanello (2018). Aceitar essa lógica é manter e se submeter a estrutura da prateleira do amor. Para romper com essa estrutura que dá aos homens um lugar de privilégio e desempodera e aprisiona as mulheres nessa dependência, é preciso descentralizar o amor romântico (Zanello, 2018). Quando a identidade da mulher não estiver mais relacionada a um parceiro e seu local na prateleira conseguiremos considerar investir na própria autoestima.

É possível que a falta de clareza de como o valor da mulher é estabelecido na sociedade atual tenha possibilitado que as participantes responsabilizassem a personagem da tirinha por não ser escolhida por alguém "de maior valor". Em contrapartida, uma das participantes chamou a atenção para o fato de que a personagem tinha um parceiro. Apesar de muito feio, esse parceiro parecia gostar dela por ser quem ela era, e isso já era significativo. Essa constatação pode ser um exemplo de como os critérios para seleção de um parceiro romântico são diferentes entre a população autistas e não autista, como identificado por Goldsworthy (2011). Enquanto os não autistas valorizam a atração física como um dos principais fatores para escolher um parceiro, os autistas relatam dar prioridade para fatores como ter interesses em comum e compartilhar uma vivência semelhante, como ter diagnóstico (Yew, 2021).

Outras soluções que culpavam a vítima surgiram na linha de base, como: xingar alguém de vadia seria justificável, caso ela realmente saísse com várias pessoas e ser aceitável restringir sua liberdade devido ao desafio de lidar com o ciúme do parceiro. Novamente, um exemplo de como o valor da mulher é atribuído pelo outro (e, normalmente, um homem). O papel social da mulher foi constituído historicamente a favor do matrimônio monogâmico⁶. Cabe a ela o esforço de conseguir e de manter um casamento. É esperado que mulheres se esforcem mais para manter a paz nos relacionamentos afetivos, mesmo recebendo menos do que gostaria (Zanello, 2018). Antes da intervenção, observa-se esse mesmo discurso quando as participantes falam sobre a mulher restringir seu uso de redes sociais para evitar o desconforto no namorado.

Na fase de intervenção, as soluções restritivas reduziram significativamente de frequência nos três grupos. Surgiu uma solução nessa fase que foi relacionada a priorizar se evitar uma situação aversiva imediata para uma de longo prazo. Por exemplo, indicar que a Una deveria parar de ir à escola, quando estava vivendo episódios de bullying, como uma forma de aliviar as

⁶Para aprofundamento, ler "Saúde mental, gêneros e dispositivos: cultura e processo de subjetivação" de Zanello (2018)

ofensas diárias que vivia, mas sem considerar como esse movimento também envolve a retirada de acesso a outros reforçadores, como o aprendizado e o convívio social, e não soluciona o problema. Com a mediação, as participantes identificaram como essa sugestão não resolveria o problema estrutural de misoginia que a personagem sofria, só seria uma forma de retirá-la do contato imediato com o aversivo.

Falta de clareza sobre consentimento

Uma outra forma em que soluções individuais que restringem a liberdade e ferem os direitos surgiram ao longo de discussões sobre consentimento. Evidenciou-se a falta de clareza dos grupos sobre consentimento como um estado que muda de acordo com o contexto em que ocorre. Em diversos momentos, as participantes tiveram dificuldade em identificar se a personagem poderia consentir, sendo necessário chamar a atenção delas para a idade permitida para dar consentimento, o estado de consciência e contexto de coerção. Nas falas em que as participantes não estavam sob controle dessas variáveis, era comum a responsabilidade pela violência ser direcionada à vítima, mesmo quando a vítima eram elas mesmas. Para analisar essa definição nebulosa de consentimento, vamos levar em consideração (1) a dificuldade de olhar para a situação e (2) como essa falta de clareza facilita culpar a vítima e livrar o abusador das consequências. Penny (2022) trata dos perigos de falar-se sobre abuso, sendo uma das consequências claras a violência do abusador para constranger e tentar silenciar a vítima, e uma outra, pouco falada, que é o custo de admitir o abuso sofrido por você mesma. Reconhecer o abuso faz com que a vítima entre em contato com o trauma e aquilo, que era nebuloso e indefinido, se torne evidente. A escritora britânica faz um comparativo com membros do partido nazista ao negar saber o que estava sendo feito com os judeus durante a guerra, pois negar e não

fazer nada é mais fácil do que tomar posição. Identificar que situações vivenciadas pelas próprias meninas ou outras mulheres de seu convívio foram violências é duro e, mais, nos coloca de frente com a necessidade de agir.

As participantes compartilharam experiências próprias em que se sentiram confusas em relação a poder dar ou retirar seu consentimento. Uma comentou sobre avisar, antecipadamente, as pessoas de que não gosta de cumprimentar com abraços, e que essa informação costuma ser mal recebida. Outra reportou uma situação que vivenciou:

"Na escola, tem aquela fase de você beijar pessoas, esse tipo de coisa, né? Aí acaba que todo mundo fica colocando pressão. 'Não, você tem que beijar essa pessoa', esse tipo de coisa. E aí eles dão tipo, 'não, mas é sua escolha, você escolhe se o que você quer', porque essa pessoa está interessada em você. Só que, na maioria das vezes, você não tem, tipo, aquele consentimento de falar sim ou não, porque se você falar não, todo mundo vai ficar meio que contra você, o menino vai te xingar ou fazer um monte de coisa. E se você falar sim, está errado porque você não quer aquilo de verdade, entendeu? Às vezes você não quer. Eu acho que essa questão de ilusão, eu acho que tem muito a ver com a questão de que parece que você tem um certo consentimento, mas, na verdade, você não tem pra essas pessoas, porque eles não levam a sério. Então, dá aquela falsa sensação de que você tem algum livre-arbítrio, de que você tem algum poder, sabe? Só que aí você percebe que não, essa pessoa não liga e isso me deixa completamente confusa."

A violência sexual contra as mulheres é tão naturalizada que os limites impostos por elas mesmas são confusos para grande parte da sociedade. Como vimos, podem ser, inclusive, para as próprias vítimas. Lundin (2021) relata achados semelhantes em que mulheres autistas eram, repetidamente, vítimas de violência sexual, mas, por não terem clareza de como as relações sexuais se dão, não compreendiam o abuso que sofriam.

O boletim epidemiológico do Ministério da Saúde (Brasil, 2024) ressalta a importância da educação sexual para que informações adequadas sobre sexualidade e relacionamentos saudáveis sejam ensinados e, assim, a população consiga identificar situações de violência sexual e buscar ajuda.

A falta de clareza sobre consentimento é uma estratégia da cultura do estupro para manter a dúvida na vítima e garantir o seu silêncio. Dessa forma, evitam-se os respondentes emocionais ao se identificar a violência e as consequências punitivas que virão do abusador e da sociedade, que busca aliviar a penalização dos homens.

Soluções que não restringem a liberdade e promovem segurança

Ao avaliar o impacto da LuDiCa na elaboração de soluções coletivas que promovem a segurança e não restringem a liberdade, houve aumento na frequência em todos os grupos nas fases de intervenção, manutenção e generalização. Ou seja, ao se deparar com contingências de violência, as meninas discutiam e elaboravam, coletivamente, soluções para essa situação. Essas soluções não aparecem somente como intraverbais ao longo das discussões, mas por meio de exemplos práticos em que as participantes ofereceram suporte umas às outras ao se perceberem em situações de violência. Ao debater sobre uma função narrativa do romance gráfico que tratava do silenciamento das mulheres, uma das participantes relatou a sua experiência com silenciamento. Ela disse que:

"sempre invalidei muitos os meus sentimentos. Eu acho que eu sempre me senti muito inferior aos outros, como se eu não merecesse nada. É engraçado que eu levo isso tão a sério que, às vezes, eu posso estar morrendo de dor, mas eu tenho muita dificuldade para falar para as pessoas porque eu acho que a minha dor não existe. Eu simplesmente não

consigo falar porque eu não sei o que, assim, porque é como se eu não estivesse tão mal assim, sabe? Acho que eu sempre aprendi a amenizar, mesmo sabendo que é errado".

Nessa descrição, evidencia-se como a consequência recebida (ou que se imagina receber), ao compartilhar sua experiência, influencia na forma como a própria menina experimenta as suas dores. É visível como a contingência age para promover essa cultura em que o silêncio da vítima é a resposta reforçada. Para romper com a lógica do silenciamento, o que precisa ser feito? Falar e ser validada em sua fala. Em resposta ao relato da participante, uma colega do grupo respondeu:

"Eu sinto a mesma coisa que você sente sobre esse negócio de solidão e sobre ser meio sensível ao ponto de não querer contar, porque eu acho que a minha dor é menor que as outras e, também, por achar que alguém vai me invalidar. Principalmente meu pai, né? Porque eu peguei meio que medo de falar pra ele, mesmo que eu entenda a intenção dele, eu fiquei com medo".

Essa experiência mostra como a leitura dialogada promove uma contingência para que as participantes possam experimentar agir de maneiras diferentes (apoiando-se e colocando em prática suas construções coletivas), expandindo de um ensino expositivo, ou seja, somente por meio de regras. É notável que, ao se inserir nas contingências programadas pela narrativa e promovida por meio da LuDiCa, o grupo inicia criando, verbalmente, construções coletivas e, gradativamente, passa a vivenciar e agir de acordo com aquilo que está sendo proposto como solução. Dessa forma, é possível dizer que o método LuDiCa foi efetivo em facilitar o compartilhamento de experiências entre as participantes, contribuindo para um ambiente de apoio mútuo e compreensão. A personagem Una diz que "não havia falta de feminismo nos anos de 1970, pelo contrário, foi um período de boom, mas eu sofria da falta de exposição a ele (Una, 2016, p.139)" e mostra que essa exposição foi essencial para o seu processo de mudança. Da

mesma forma, ao ter contato com a oportunidade de dialogar sobre essa estrutura de violência com outras meninas, os grupos começaram o seu próprio processo de mudança.

Buscar apoio em outras mulheres

Todo o desenho desta pesquisa foi fundamentado na solução de buscar outras mulheres como fonte de apoio. Ao saber que a frequência de interação com os pares é uma variável que media a vitimização sexual (Hancock, 2017), propôs-se que esse estudo fosse realizado com um grupo formado por mulheres, a fim de discutir sobre a temática de violência de gênero e conhecer as contingências que favorecem a manutenção dessas relações de poder. Consequentemente, criar, coletivamente, soluções que promovem a liberdade e não restringe direitos.

A escolha da obra levou em consideração o evento marcante que Una tem com o feminismo, contato essencial para a mudança na sua história. Apesar de esse evento ocorrer nas páginas finais da história, essa função narrativa se faz presente no romance gráfico, desde o início, pela sua ausência: Una sustenta seus traumas sozinha por anos por não ter ninguém com quem conversar.

Mesmo com essa ênfase nessa função narrativa, houve dois episódios em que as participantes do Grupo 2 não alcançaram a função proposta. No primeiro, a narrativa guia para a solidão da Una na escola, ambiente em que ninguém se aproxima dela pelo estigma de ser vadia. A personagem relata que tinha outra menina na escola com a mesma reputação, mas que elas nunca se falaram. Ela considera o que poderia ter sido diferente se elas tivessem conversado. Sendo convidadas a dialogar sobre o que poderia ter sido diferente na história da Una caso ela tivesse buscado apoio nessa menina, uma das participantes deste grupo disse:

"Eu acho que ela provavelmente encontraria um amor, porque, como dá pra entender, ela ficou apaixonada por essa garota. Só que ainda depende também, a garota pode não ser lésbica. E o amor também pode dar errado, afinal pode ser que se elas conversassem, elas só tenham uma coisa em comum: serem chamadas de vadias e sofrerem esse machismo todo."

Nota-se que a interpretação do grupo foi na direção de que Una buscava, nessa aproximação, um namoro. Seria isso porque o centro da vida das mulheres ainda é o amor romântico? Esse relato enfatiza a importância das mulheres preencherem a sua vida com outras fontes de afeto, como proposto por Zanello (2022). A aproximação de outra menina que vivia a mesma violência poderia ter fortalecido as duas e dado recursos para passar ou superar essa situação ou, como disse um outro grupo, "elas poderiam, ao menos, se sentir seguras na presença uma da outra".

Outro episódio em que as participantes do Grupo 2 não alcançaram esta função narrativa foi no momento de generalização. Ao se deparar com a tirinha de uma mulher ajudando a outra em uma situação de assédio na rua, as participantes propuseram soluções individuais para aquela situação, como ignorar o assediador ou constrangê-lo. Seria o fato de não ter alcançado essa função narrativa devido à interpretação que fizeram do tipo de apoio que Una estava buscando na colega que também vivia bullying? Ou será que está mais relacionado ao pouco apoio que pessoas autistas sentem na comunidade? As relações de poder envolvidas entre pessoas com e sem deficiência na sociedade parecem influenciar a busca que essas meninas fazem dos pares. Há dados que indicam que autistas se sentem pouco acolhidos pela comunidade e avaliam que são continuamente marcados pela sua deficiência na relação com o neurotípico (Pearson, 2023). Em um relato de uma participante do Grupo 2, ela narra um episódio em que pediu ajuda para os pares quando presenciou os colegas de sala fazendo piadas capacitistas, mas que não teve êxito em encerrar a violência. Será que esse histórico de insucessos promove uma falta de esperança

no suporte vindo de outras pessoas e faz com que deem preferência a buscar soluções individuais?

Poder transformador

A intervenção buscou a emancipação amorosa, como nomeado por Zanello, ao tornar evidentes as contingências em que mulheres estão inseridas. Estar atenta a essas variáveis permite a recusa em manter essas contingências e ir além, alterando-as. É preciso romper com esses dispositivos e elaborar novas formas de ser mulher e se relacionar. Uma sociedade baseada em dominância, violência e competição de curto prazo vai (e deve) desmoronar (Penny, 2022). É necessário criar contingências que promovam o cuidado e o acolhimento mútuo para que a sociedade possa prosperar. O único jeito de se ganhar esse jogo é não o jogar e, para isso, é preciso criar novas formas de se relacionar. Encerro com um sopro de esperança, fruto de uma construção coletiva do grupo sobre o poder da leitura nas nossas vidas:

- "Eu considero a leitura o melhor refúgio que existe. Você entra, basicamente, em outro universo por meio de palavras.
- É um refúgio, né, mas não é só um escape também. Ela te dá palavras para você escrever ou pensar a sua própria história. Então não é só um escapismo, é também uma construção, é todo um lar, digamos assim."

Validade social

O estudo buscou levar em consideração os três aspectos fundamentais da validade social: a aceitabilidade dos objetivos da intervenção, a viabilidade dos procedimentos adotados e a importância percebida dos resultados alcançados (Barreira, 2006). Em relação à aceitabilidade dos objetivos da intervenção, foi analisado, tanto na literatura como com as participantes do estudo, o interesse na pesquisa relacionada à educação sexual com público autista jovem. As participantes enfatizaram a importância de clarificar as relações de poder envolvidas com

questões de gênero a fim de se construírem relacionamentos mais saudáveis. Uma das participantes justificou a importância de promover diálogos sobre educação sexual alegando que:

"Muitos pais, tipo, acho que não orientam muito sobre isso, sabe? Como ela falou, as pessoas não gostam de ficar assustadas, sabe? Muita gente também quer negar a realidade, só que isso é uma coisa que acontece muito. E, por exemplo, tem lugares no Brasil que as pessoas também não têm muita informação, não têm muito acesso. Então, acaba que só uma parte da população tem esse acesso."

Os grupos compartilharam da importância de falar sobre educação sexual, e que sejam abrangidas temáticas para além da mecânica do ato sexual e contracepção. Falar sobre relações de gênero e das dinâmicas envolvidas em relacionamentos sociais auxilia na construção de relacionamentos mais equilibrados. Esse mesmo dado foi proposto pelas participantes da pesquisa de Beato (2024).

Quanto à viabilidade dos procedimentos, a maior parte das participantes relataram gostar da estratégia da leitura dialogada como forma de intervenção. Uma das participantes disse:

"eu gostei mais sobre como ela explicou a vida dela e das outras colegas de classe dela. Acho que a parte em que ela explica mais sobre o cotidiano dela e das pessoas ao redor dela, acho que ficou mais... digerível o assunto. Dá para entender mais, digerir mais, conseguir entender mais da perspectiva dela e também das razões das violências que acontecem com ela."

Esse relato mostra como a literatura facilitou a apresentação do tema, ao mesmo tempo em que o tornou "digerível" para discussão, apesar da dureza da temática. Entretanto, é importante ressaltar que duas participantes abandonaram a pesquisa no início do LuDiCa, relatando se sentirem desconfortáveis para conversar sobre o tema. A temática da cultura do estupro e violência sexual evoca respostas emocionais que costumam gerar respostas de fuga e esquivas. Uma outra participante que concluiu o processo da pesquisa disse que "eu sei que é uma coisa

que precisa ser discutida, principalmente nos dias de hoje, só que é muito estressante ficar discutindo sobre situações tão chatas."

Considerando que a maior parte da amostra permaneceu até o final da intervenção, conclui-se que o método LuDiCa pode ser uma boa estratégia para promover debates de assuntos tabus e que geram muita resposta de evitação.

As participantes pontuaram dificuldades na interpretação de algumas tirinhas (na fase de linha de base, manutenção e generalização) por considerarem que não havia informação suficiente para a análise. Como, por exemplo, avaliar se uma menina era realmente rodada ou se os homens estavam somente a desvalorizando. A pesquisa ter sido feita em grupo com outras participantes autistas foi de interesse de todas as participantes, que alegaram não ter espaço para dialogar com pessoas com experiências semelhantes às delas.

No encerramento da pesquisa, as participantes sinalizaram satisfação ao ter vivenciado uma troca com pares sobre o tema. Ao serem questionadas se acham que o processo foi útil para elas de alguma forma, ressaltaram a importância de se ter "mais consciência sobre o que acontece com a gente" e "se acontecer isso com a gente, a gente tem uma maneira de resolver essa questão agora".

5. Conclusões

Este estudo mostrou que o método LuDiCa é eficaz na promoção de um diálogo profundo sobre violência de gênero, facilitando a construção coletiva de soluções que respeitam os direitos individuais. A intervenção mostrou-se capaz de aumentar a discussão sobre as contingências que sustentam a violência de gênero e de fomentar soluções inovadoras e menos restritivas nos três grupos estudados.

Como constatado anteriormente, faltam espaços propícios para o debate sobre o tema entre as meninas autistas. Mas, ao serem guiadas por uma narrativa e em um ambiente não punitivo, as jovens se sentiram confortáveis para falar de assuntos sobre os quais não haviam debatido antes. Sabendo que a frequência de interação com os pares é uma variável que media o risco de violência sexual, considera-se que a intervenção foi, também, um modelo para promover esse tipo de diálogo com pessoas com experiências semelhantes.

6. Referências

- Alaghband-Rad J, Hajikarim-Hamedani A, Motamed M. Camouflage and masking behavior in adult autism. *Front Psychiatry*. 2023 Mar 16;14:1108110. doi: 10.3389/fpsyt.2023.1108110. PMID: 37009119; PMCID: PMC10060524.
- Allen, D., Evans, C., Hider, A., Hawkins, S., Peckett, H., & Morgan, H. (2008). Offending behaviour in adults with Asperger syndrome. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 38(4), 748-758. doi: 10.1007/s10803-007-0442-9
- Alkhaldi, R., Sheppard, E., Burdett, E., & Mitchell, P. (2021). Do Neurotypical People Like or Dislike Autistic People?. *Autism in adulthood: challenges and management*, 3 3, 275-279 . <https://doi.org/10.1089/AUT.2020.0059>.
- Associação Psiquiátrica Americana. (2013). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5ª ed .)* . Arlington, VA: . American Psychiatric Publishing
- Bargiela S, Steward R, Mandy W. (2016) The Experiences of Late-diagnosed Women with Autism Spectrum Conditions: *An Investigation of the Female Autism Phenotype*. *J Autism Dev Disord*. Oct;46(10):3281-94. doi: 10.1007/s10803-016-2872-8. PMID: 27457364; PMCID: PMC5040731.
- Barthes, R. (2009). Introdução à análise estrutural da narrativa. Em R. Barthes e cols. (Eds.). *Análise Estrutural da Narrativa* (6a ed.). (M. B. Pinto, Trad.), São Paulo: Vozes (Obra original publicada em 1966).
- Barreira, RCA (2006) *Validade social: implicações da proposição de um conceito para a análise do comportamento*. Dissertação Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

- Beato, A., Sarmiento, M.R. & Correia, M. (2024) Experiencing Intimate Relationships and Sexuality: *A Qualitative Study with Autistic Adolescents and Adults*. *Sex Disabil.* <https://doi.org/10.1007/s11195-024-09838-x>
- Bermek, S. & Unan, A. (2024) Victim-blaming norms and violence against women: Moral considerations can induce policy and behaviour change. *Voxeu column.*
- Brasil (2024) *Boletim Epidemiológico* | Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente | Ministério da Saúde Volume 54 | N.º 8 |
- Brown, B. B., & Klute, C. (2003). Friendships, cliques, and crowds. In G. R. Adams & M. Berzonsky; (Eds.), *Blackwell handbook of adolescence* (pp. 330–348). Blackwell Publishing.
- Brown-Lavoie, S. M., Viecili, M. A., & Weiss, J. A. (2014). Sexual knowledge and victimization in adults with autism spectrum disorders. *Journal of autism and developmental disorders*, 44(9), 2185–2196. <https://doi.org/10.1007/s10803-014-2093-y>
- Brilhante, Aline & Filgueira, Leila & Lopes, Samuel & Vilar, Nathalie & Nóbrega, Lívia & Pouchain, Ana & Sucupira, Luiz. (2021). “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. *Ciência & Saúde Coletiva*. 26. 417-423. 10.1590/1413-81232021262.40792020.
- Botha, M., Kristen Gillespie-Lynch; Come as You Are: Examining Autistic Identity Development and the Neurodiversity Movement through an Intersectional Lens. *Human Development* 17 May 2022; 66 (2): 93–112. <https://doi.org/10.1159/000524123>
- Catania, A. C., Matthews, B. A., & Shimoff, E. (1982). Instructed versus shaped human verbal behavior: Interactions with nonverbal responding. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 38(3), 233–248. <https://doi.org/10.1901/jeab.1982.38-233>
- Care Collective (2020) *"The Care Manifesto: The Politics of Interdependence"*, London and New York: Verso

- Cazalis F, Reyes E, Leduc S, Gourion D. Evidence That Nine Autistic Women Out of Ten Have Been Victims of Sexual Violence. *Front Behav Neurosci*. doi: 10.3389/fnbeh.2022.852203. PMID: 35558435; PMCID: PMC9087551.
- Cervantes PE, Matheis M, Estabillo J, Seag DEM, Nelson KL, Peth-Pierce R, Hoagwood KE, Horwitz SM.(2021) Trends Over a Decade in NIH Funding for Autism Spectrum Disorder Services Research. *J Autism Dev Disord*. doi: 10.1007/s10803-020-04746-3. Epub 2020 Oct 10. PMID: 33040269; PMCID: PMC8035332.
- Chapman, Louise; (2020) *“Don't treat autistic people like they're a problem, because we're not!”: An exploration of what underpins the relationship between masking and mental health for autistic teenagers*. Doctoral thesis (D.Clin.Psy), UCL (University College London)
- Chapman, L. Rose, K. Hull, L. Mandy, W. (2022) “I want to fit in... but I don't want to change myself fundamentally”: A qualitative exploration of the relationship between masking and mental health for autistic teenagers, *Research in Autism Spectrum Disorders*, Volume 99, ISSN 1750-9467, <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2022.102069>.
- Cheak-Zamora NC, Teti M, Maurer-Batjer A, O'Connor KV, Randolph JK. (2019) Sexual and Relationship Interest, Knowledge, and Experiences Among Adolescents and Young Adults with Autism Spectrum Disorder. *Arch Sex Behav*. Nov;48(8):2605-2615. doi: 10.1007/s10508-019-1445-2. Epub 2019 Apr 22. PMID: 31011993.
- Chisholm, J.S., Shelton, A.L., & Sheffield, C.C. (2017). Mediating Emotive Empathy With Informational Text: *Three Students' Think-Aloud Protocols of Gettysburg: The Graphic Novel*. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, 61, 289-298.
- Clees TJ, & Gast DL (1994) Social Safety Skills Instruction for Individuals with Disabilities: *A Sequential Model*. *Education and Treatment of Children*, Vol. 17, No. 2, pp. 163-184
Published by: West Virginia University Press

- Cook, J., Crane, L., & Mandy, W. (2023). Dropping the mask: It takes two. *Autism : the international journal of research and practice*, 13623613231183059
<https://doi.org/10.1177/13623613231183059>.
- Cohn, N. (2013). Visual Narrative Structure. *Cognitive science*, 37 3, 413-52 .
- Constantino JN, Gruber CP (2012) *Social Responsiveness Scale – Second Edition (SRS-2)*. Torrance, CA: Western Psychological Services;
- Coskun, M., Karakoc, S., Kircelli, F., & Mukaddes, N. M. (2009). Effectiveness of mirtazapine in the treatment of inappropriate sexual behaviors in individuals with autistic disorder. *Journal of Child and Adolescent Psychopharmacology*, 19(2), 203-206. doi: 10.1089/cap.2008.020
- Cravo, F. A. M., Almeida-Verdu, A. C. M., & Costa-Junior, F. M. (2022). Revisão de literatura da produção analítico-comportamental nacional sobre gênero e sexualidade. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 13(2), 247–265. <https://doi.org/10.18761/a52affa6>
- Dekker LP, van der Vegt EJ, Visser K, Tick N, Boudesteijn F, Verhulst FC, Maras A, Greaves-Lord K. (2015) Improving psychosexual knowledge in adolescents with autism spectrum disorder: pilot of the tackling teenage training program. *J Autism Dev Disord*. Jun;45(6):1532-40. doi: 10.1007/s10803-014-2301-9. PMID: 25399394.
- Doughty AH & Kane LM (2010). Teaching abuse-protection skills to people with intellectual disabilities: A review of the literature. *Res Dev Disabil*. doi:10.1016/j.ridd.2009.12.007
- Dwyer, P.(2022) The Neurodiversity Approach(es): What Are They and What Do They Mean for Researchers?. *Human Development*; 66 (2): 73–92. <https://doi.org/10.1159/000523723>
- Flores, E.P., Oliveira-Castro, J.M. & de Souza, C.B.A. (2020). How to do things with texts: A functional account of reading comprehension. *Journal of Analysis Verbal Behavior*, 36, 273–294.

- Flores, E. P., Rogoski, B. da N., & Nolasco, A. C. G.. (2020). Comprensión Narrativa: Análisis del Concepto y una Propuesta Metodológica . *Psicología: Teoría E Pesquisa*, 36, e3635. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3635>
- García-Carpintero, M. Á., de Diego-Cordero, R., Pavón-Benítez, L., & Tarrío-Concejero, L. (2022). ‘Fear of walking home alone’: Urban spaces of fear in youth nightlife. *European Journal of Women’s Studies*, 29(1), 39-53. <https://doi.org/10.1177/1350506820944424>
- Gilmour, Laura & Schalomon, Melike & Smith, Veronica. (2012). Sexuality in a community based sample of adults with autism spectrum disorder. *Research in Autism Spectrum Disorders*. 6. 313–318. 10.1016/j.rasd.2011.06.003.
- Hancock GIP, Stokes MA, Mesibov GB. (2017) Socio-sexual functioning in autism spectrum disorder: A systematic review and meta-analyses of existing literature. *Autism Res*. Nov;10(11):1823-1833. doi: 10.1002/aur.1831. Epub 2017 Jul 10. PMID: 28691307.
- Hellemans, H., Colson, K., Verbraeken, C., Vermeiren, R., & Deboutte, D. (2007) Sexual behavior in high-functioning male adolescents and young adults with autism spectrum disorder. *J. Autism Dev. Disord*. 37(2), 260–269. doi:10.1007/s10803-006-0159-1
- Howlin, P., Goode, S., Hutton, J., & Rutter, M. (2004) Adult outcome for children with autism. *J. Child Psychol. Psychiatry* 45(2), 212–229. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00215.
- Lumley VA, & Miltenberger RG. (1997) Sexual abuse prevention for persons with mental retardation. *Am J Ment Retard*. Mar;101(5):459-72. PMID: 9083603.
- Lundin K, Mahdi S, Isaksson J, Bölte S. (2021) Functional gender differences in autism: An international, multidisciplinary expert survey using the International Classification of Functioning, Disability, and Health model. *Autism*. May;25(4):1020-1035. doi: 10.1177/1362361320975311. Epub 2020 Dec 2. PMID: 33267637.
- Mandy, W. (2019). Social camouflaging in autism: Is it time to lose the mask?. *Autism*, 23, 1879 - 1881. <https://doi.org/10.1177/1362361319878559>.
- Mathieu, T. (2021) *Os crocodilos*. Editora : HQueria.

- Mazzucchelli TG (2001) Feel Safe: A pilot study of a protective behaviours programme for people with intellectual disability. *Journal of Intellectual & Developmental Disability* 26(2):115-126 DOI:10.1080/13668250020054431
- Moraes, A. & Flores, E. (2022) *Compreensão e interpretação de narrativas no contexto. Ensinar e aprender: desafios para educação do século XXI / Aline Beckmann de Castro Menezes (Organizadora) – Curitiba: ABPMC, 2022.*
- Moore, I., Morgan, G., Welham, A., & Russell, G. (2022). The intersection of autism and gender in the negotiation of identity: A systematic review and metasynthesis. *Feminism & Psychology*, 32, 421 - 442. <https://doi.org/10.1177/09593535221074806>.
- Mikton C., Maguire H., Shakespeare T. (2014). A systematic review of the effectiveness of interventions to prevent and respond to violence against persons with disabilities. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(17), 3207–3226. <https://doi.org/10.1177/0886260514534530>
- Miltenberger, R G, Roberts, J A, Ellingson, S, Galensky, T, Rapp, J T, Long, E S, & Lumley, V A (1999). Training and generalization of sexual abuse prevention skills for women with mental retardation. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 32(3), 385–388. doi:10.1901/jaba.1999.32-385
- Mizael, T. M., & Ridi, C. C. F. (2022). Análise do comportamento aplicada ao autismo e atuação socialmente responsável no Brasil: *Questões de gênero, idade, ética e protagonismo autista. Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 13(1), 054–068. <https://doi.org/10.18761/VEEM.457613>
- Ohlsson Gotby V, Lichtenstein P, Långström N, & Pettersson E. (2018) Childhood neurodevelopmental disorders and risk of coercive sexual victimization in childhood and adolescence - a population-based prospective twin study. *J Child Psychol Psychiatry*. Sep;59(9):957-965..

- OMS (Organização mundial da saúde) (2012) *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.
- OMS (Organização mundial da saúde) (2018) *International technical guidance on sexuality education An evidence-informed approach*. Geneva: World Health Organization.
- Orlando, M. (2018). Neurodiverse Self-Discovery and Social Acceptance in Curious Incident and Marcelo in the Real World. *Journal of Literary & Cultural Disability Studies*, 12, 321 - 335.
- Pearson A, Rose K, Rees J. (2023) 'I felt like I deserved it because I was autistic': Understanding the impact of interpersonal victimisation in the lives of autistic people. *Autism*. doi: 10.1177/13623613221104546. Epub 2022 Jun 23. PMID: 35735166.
- Pecora LA, Hancock GI, Mesibov GB, Stokes MA. (2019) Characterizing the Sexuality and Sexual Experiences of Autistic Females. *J Autism Dev Disord*. Dec;49(12):4834-4846.
- Penny, L. (2022) A nova revolução sexual: como a masculinidade tóxica e o fascismo moderno estão destruindo o mundo e como o contra ataque feminista pode salvá-lo. Tradução Martha Argel. 1ed. São Paulo: Editora Cultrix.
- Pugliese CE, Ratto AB, Granader Y, Dudley KM, Bowen A, Baker C, Anthony LG. (2019) Feasibility and preliminary efficacy of a parent-mediated sexual education curriculum for youth with autism spectrum disorders. *Jan;24(1):64-79*.
- Queiroz, L. R., Guevara, V. L. S., de Souza, C. B. A., & Flores, E. P., Dr. (2020). *Dialogic Reading: Effects on Independent Verbal Responses, Verbal and Non-Verbal Initiations, and Engagement of Children with Autism Spectrum Disorder*.
<https://doi.org/10.31234/osf.io/pkdzh>

- Rogoski, B. da N., Flores, E. P., Gauche, G., Coêlho, R. F., & de Souza, C. B. A. (2017). Compreensão após leitura dialógica: efeitos de dicas, sondas e reforçamento diferencial baseados em funções narrativas. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 6(1), 48–59. <https://doi.org/10.18761/pac.2015.6.1.a04>
- Rogoski, B. da N., & Flores, E. P. (2021). Dialogic Reading for Comprehension: effects on children's story retelling - a case report. *Revista CEFAC*, 23(1), e16819. <https://doi.org/10.1590/1982-0216/202123116819>
- Rosqvist, HB (2014) Becoming an ‘Autistic Couple’: Narratives of Sexuality and Couplehood Within the Swedish Autistic Self-advocacy Movement. *Sex Disabil* 32, 351–363 . <https://doi.org/10.1007/s11195-013-9336-2>
- Rothman EF, Graham Holmes L. (2021) Using formative research to develop HEARTS: A curriculum-based healthy relationships promoting intervention for individuals on the autism spectrum. *Autism*. 2022 Jan;26(1):160-168. doi: 10.1177/1362361321102452
- Ruble, L. A. & Dalrymple, N. J. (1993). Social/sexual awareness of persons with autism: A parental perspective. *Archives of Sexual Behaviour*, 22(3), 229–40. doi: 10.1007/BF01541768
- Sala, Giorgia & Pecora, Laura & Hooley, Merrilyn & Stokes, Mark. (2020). As Diverse as the Spectrum Itself: Trends in Sexuality, Gender and Autism. *Current Developmental Disorders Reports*. 7. 10.1007/s40474-020-00190-1
- Sevlever, M., Roth, M.E., & Gillis, J.M. (2013). Sexual Abuse and Offending in Autism Spectrum Disorders. *Sexuality and Disability*, 31, 189-200.
- Silva, M. A. D. (2024). A necessidade de conscientização e educação de gênero como estratégias fundamentais para combater o feminicídio. *Epitaya E-Books*, 1(60), 157-170. <https://doi.org/10.47879/ed.ep.2024271p157>

Singer, J. (1998). Why Can't You Be Normal for Once in Your Life? In M. Corker & S. French (Eds.), *Disability Discourse*

Singer, J. (2017). *Neurodiversity: the birth of an idea* (2ª edição). Judy Singer Editor

Skinner, B.F. (1978). *O Comportamento Verbal*. São Paulo, SP. Editora Cultrix.

Guevara, V. (2021) *Comunicação e interação social entre adolescentes autistas e neurotípicos: um teste experimental da metodologia lúdica (leitura dialógica para compreensão)*. Dissertação (Mestrado em Ciências do Comportamento) — Universidade de Brasília.

Stokes M, Newton N, Kaur A. (2007) Stalking, and social and romantic functioning among adolescents and adults with autism spectrum disorder. *J Autism Dev Disord*. Nov;37(10):1969-86. doi: 10.1007/s10803-006-0344-2. Epub 2007 Feb 2. PMID: 17273936.

Strunz, S., Schermuck, C., Ballerstein, S., Ahlers, C. J., Dziobek, I., & Roepke, S. (2017). Romantic relationships and relationship satisfaction among adults with Asperger syndrome and high-functioning autism. *Journal of Clinical Psychology*, 73, 113–125. <https://doi.org/10.1002/jclp.22319>

Sutherland, G., Hargrave, J., Krnjacki, L., Llewellyn, G., Kavanagh, A., & Vaughan, C. (2024). A Systematic Review of Interventions Addressing the Primary Prevention of Violence Against Women With Disability. *Trauma, Violence, & Abuse*, 25(2), 1235-1247. <https://doi.org/10.1177/15248380231175932>

Una (2016) *Desconstruindo Una*. Traduzido por: Carol Christo. Editora Nemo.

Vieira, AC (2016) *Sexualidade e Transtorno do Espectro Autista: relatos de familiares*. Orientador: Ana Cláudia Bortolozzi Maia. Dissertação (Mestrado)—Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru.

Visser, K., et al. (2015) Protocolo de estudo: um ensaio clínico randomizado que investiga os efeitos de um programa de treinamento psicossocial para adolescentes com transtorno do espectro do autismo. *BMCPsychiatry*, v. 15, n. 207, p. 1-10.

Yew, R. Y., Samuel, P., Hooley, M., Mesibov, G. B., & Stokes, M. A. (2021). A systematic review of romantic relationship initiation and maintenance factors in autism. *Personal Relationships*, 28(4), 777–802. <https://doi.org/10.1111/per.12397>

Zanello, V. (2008) Xingamentos: entre a ofensa e a erótica. *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008

Zanello, V. (2018) *Saúde mental, gêneros e dispositivos: cultura e processo de subjetivação*. Curitiba: Appris.

Zanello, V. e Miranda, P. (2022) *Dispositivo amoroso: guia de autoconhecimento e sobrevivência para mulheres*.

Weiss, J. A., & Fardella, M. A. (2018). Victimization and Perpetration Experiences of Adults With Autism. *Frontiers in psychiatry*, 9, 203. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2018.00203>

Wiseman, K, McArdell L., Bottini, S. & Gillis, J. (2017). A Meta-Analysis of Safety Skill Interventions for Children, Adolescents, and Young Adults with Autism Spectrum Disorder. *Rev J Autism Dev Disord* 4:39–49